

O MENINO QUE QUERIA SER DEUS x  
UMA CONVERSA SOBRE INFÂNCIAS, IDENTIDADE, RAÇA E RAP



JUNGO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA

JOÃO PEDRO GOULART DA SILVA

**O MENINO QUE QUERIA SER DEUS:  
UMA CONVERSA SOBRE INFÂNCIAS, IDENTIDADE, RAÇA E RAP**

PORTO ALEGRE  
2021

**JOÃO PEDRO GOULART DA SILVA**

**O menino que queria ser deus:  
uma conversa sobre infâncias, identidade, raça e rap**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Oriana H. Hadler

Co-Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Soares Damico

Comentadora: Ma. Maíne Alves Prates

Porto Alegre

2021

## AGRADECIMENTOS

Tem um ditado africano que diz que dificilmente uma criança é criada por uma única mãe. Eu cresci sendo cuidado por uma comunidade, por uma rede. Se eu cresci, é porque eu fui criado por uma comunidade e eu devo agradecer a ela. Eu tenho que agradecer muita gente, espero que tu tenha tempo pros meus agradecimentos, vai que tu esteja no meio. Espero que eu não esqueça de ninguém - minha memória já não é mais a mesma.

Primeiro, eu gostaria de agradecer quem me permitiu conversar, quem me permitiu estar nessa encruzilhada de afetos e encontros com ele. Obrigado por me cuidar por todo esse tempo, obrigado pelo àçê de fala. Laaróyè Èsú! Obrigado a todos Òrisás por me manterem de pé, mesmo estando tão longe de casa.

Obrigado, Orí, por suportar tantas ideias erradas. Agora a gente tá melhorando, né? Ainda falta muita coisa, mas estamos melhores.

Obrigado por me acolher nos meus piores momentos, Natália. Tive que sair, mas, assim que possível, tô voltando pra terapia. Eu tô me cuidando da forma que eu posso, tô melhor do que eu tava!

Aos pretinhos e pretinhas que passaram por mim e deixaram um pouquinho das suas sabedorias. Principalmente aos que tavam comigo toda quarta-feira de tarde na Santa Anita. Amo vocês e carrego vocês comigo.

Obrigado a quem trilhou esse caminho antes de mim me permitindo caminhar com mais facilidade. O que eu faço é por quem veio antes, por quem tá aqui, por quem vai vir depois de mim e pelos que não puderam, não conseguiram ou não quiseram estar/chegar aqui.

A todos rappers que tiveram paciência e sensibilidade pra trocar tantas ideias comigo quando ninguém teve. Devo muito a vocês, assim como devo muito à cultura como um todo. Obrigado a todos b-boys e b-girls, a todos DJs, a todos pixadores. Obrigado, hip hop!

Ao meu amigo Matheus. Talvez eu nunca tenha te dito isso, mas eu me inspiro muito em ti, meu mano! Fico feliz de poder crescer ao teu lado. Fé pra nós!

Muito obrigado por todos os risos e abraços, Dora e Cepik. Cês não tem noção de quão importante vocês foram pra mim e talvez continuem sem saber, porque é algo que beira o indizível.



Pra Ana e Isa, obrigado por me aguentarem esses anos. Eu devo um mundo pra vocês e provavelmente nunca vou conseguir pagar. Minha dívida de gratidão só cresce a cada dia. Eu amo vocês tanto que me dói.

Jé, mais do que uma amiga que eu ganhei na graduação, uma irmã. Me abrigou algumas noites na tua casa quando eu não tinha como voltar pra minha, brigou comigo quando necessário, me deu carinho quando precisei. Obrigado!

Marci, querida. É um prazer te ter por perto. Espero que eu tenha te ensinado o mesmo tanto que tu me ensinou. Espero que eu tenha sido um bom amigo o mesmo tanto que tu foi pra mim. Obrigado por tudo e mais um pouco.

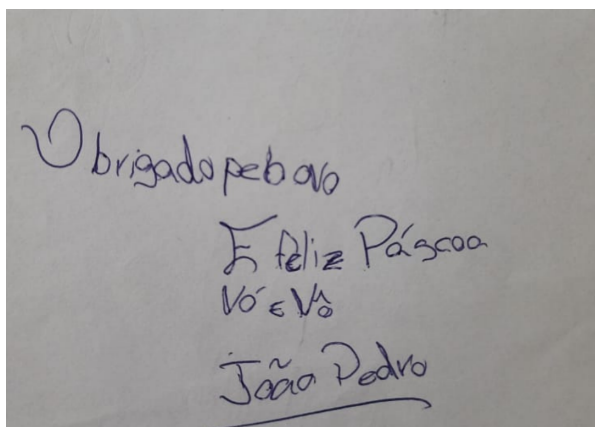
Roberto, eu sei que eu nunca te falei isso, mas foi muito importante (em níveis que eu ainda não consegui racionalizar) passar esses anos do teu lado. Obrigado por coisas que eu ainda vou descobrir e pelos que eu já descobri.

Samu, meu querido. Mais do que nunca, obrigado. Obrigado por pilhar fazer um grupo de estudos do nada, com o semestre comendo solto. Obrigado por cada cerveja, cada sorriso, cada piada, cada... Tu entendeu já, né?

Will, meu mano. Tu tá me devendo uma partida de basquete. E eu tô te devendo muita coisa. Obrigado por ser meu parceiro desde que a gente se conheceu. Obrigado por cada deriva, cada conversa sem sentido sobre as pixações que a gente via na Vila Jardim e cada troca de ideia sobre raps!

Rafael, Giulia, Uerê, Isabelle, Giovanni, Gabi, Nina, outra Gabi, e mais uma galera que eu não vou falar porque eu vou acabar esquecendo de alguém (me desculpem). Obrigado.

Maíne, rainha! Obrigado não é suficiente pro tanto que eu tenho que te agradecer. Baum, Damico! Obrigado não é suficiente pro tanto que eu tenho que agradecer vocês. Obrigado não é suficiente, mas é o que eu tenho no momento. Vocês me mostraram mais um lugar que eu poderia ocupar. Obrigado!



Ori, muitos obrigados! A melhor professora que eu tive em todos esses anos que eu tô estudando - e que não são poucos. Abraços afetivos pra nós!

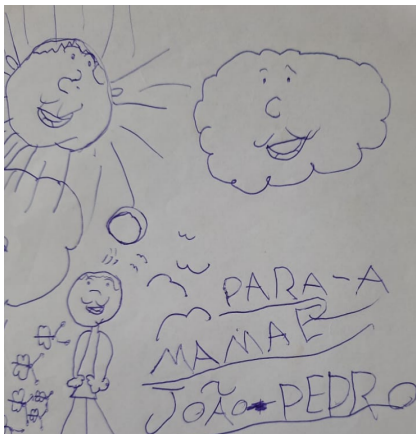
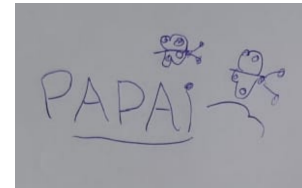
Vô Pedro e Vó Gessi, minhas bases. Mais pra frente eu digo que eu nunca tive um lar, só casas, mas acho que eu

tô errado (pra variar). Vocês são meu lar. Eu sempre vou ter um lugar pra voltar. Obrigado.

Vó Sandra, tu me mostrou outros modelos de força. Tu me ensinou coisas que talvez tu nem saiba que tu me ensinou. Se eu cheguei até aqui, tu tem (muita) responsabilidade nisso. Obrigado.

Dinda, tio, tia. Pode parecer menos verdadeiro levando em consideração o tanto de obrigado que eu já distribuí, mas não é; é de coração. Obrigado.

Pai, obrigado por ser o melhor pai que tu pode ser.



Mãe, iyà mi, obrigado. Esse é o obrigado mais especial de todos. Não te deixa enganar pela pouca quantidade de escrita, tu tá do meu lado há 24 anos, durante 24 horas... tu sabe de tudo e sabe da minha gratidão por ti. Se eu ainda não desisti, é por tua causa. Até aqui tudo foi por nós, mãe. Obrigado!

Por fim, ao João e ao Jango, duas faces de um mesmo rei, de um mesmo deus. Ao João, por ter crescido da melhor maneira possível, levando em consideração os recursos e influências que ele tinha. Ao Jango, por ter cuidado dos os sonhos que o João deixou pra trás.





## RESUMO

E aí, querido, como estamos? Que bom que tu apareceu, tava precisando falar contigo, tu tem um tempinho livre? Não precisamos conversar tudo agora, dá pra gente fazer isso nos tempinhos livres que a gente tem - tô ligado que a vida tá corrida e se a gente não correr junto fica pra trás. Pensei que a gente podia trocar umas ideias sobre coisas que não costumam falar com a gente, tipo a importância do amor e da raiva pra nós, meninos pretos (sim, mano, a raiva tem uma função), quais caminhos podemos trilhar e quais já foram trilhados por outras pessoas (tudo bem que a gente aprende errando, mas a gente não precisa aprender só com as nossas experiências, por isso a importância de se escutar os mais velhos) e, falando em caminhos e mais velhos, qual deus nós queremos e podemos ser. Não só pra facilitar, mas também pra enriquecer nossas conversas, eu imaginei que seria, no mínimo, instigante trazer outras pessoas pra compor essa troca de idéias. Não são quaisquer pessoas, eu poderia facilmente ter chamado alguns pensadores que eu conheci na faculdade, tipo Freud, Foucault e mais uns parecidos - e tenho certeza que eles iriam ficar felizes de participar desse diálogo -, mas quem me trouxe até a faculdade é muito mais qualificado pra isso, tipo Froid, Emicida, Djonga, Racionais, BK, Baco Exu do Blues e mais um pessoal aí.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>4</b>
<b>RESUMO</b>	<b>8</b>
<b>O MENINO QUE QUERIA SER DEUS</b>	<b>10</b>
<b>PRA QUEM JÁ MORDEU UM CACHORRO POR COMIDA ATÉ QUE EU CHEGUEI LONGE</b>	<b>15</b>
<b>HERESIA</b>	<b>26</b>
<b>ÈSÚ</b>	<b>39</b>
<b>CASTELOS &amp; RUÍNAS</b>	<b>56</b>
<b>É NECESSÁRIO VOLTAR PRO COMEÇO</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>75</b>

## O MENINO QUE QUERIA SER DEUS

Desde cedo a mãe da gente fala assim: “filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor”. Aí passado algum tempo eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses? Por tudo que aconteceu! Duas vezes melhor como?

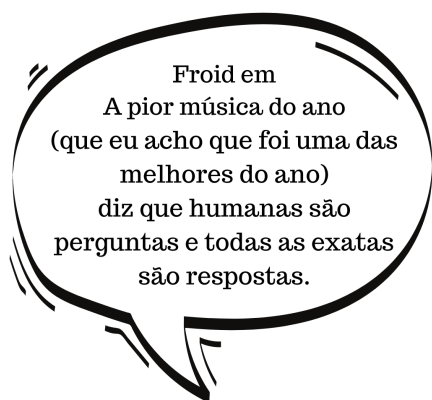
Esse é o início da música “A vida é um desafio” dos Racionais Mc's, que foi cantada em um show, na gravação do DVD “1000 trutas, 1000 tretas”, em 2006. A letra em si fala sobre ser um sonhador, que foram os sonhos que manteve o Edi Rock vivo. Esse é um assunto recorrente, tá ligado? O sonho. Emicida tem todo um trabalho que fala sobre sonhos - O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui. Inclusive, junto com a Elisa Lucinda, o Emicida faz uma série de poesias sobre isso, sobre ser milionário dos sonhos. Engraçado, já faz um tempo que eu não sonho. Mas mesmo assim isso me bateu, assim como a maioria das músicas dele.

Emicida tem dessas de conversar contigo na música. Isso é importante, ainda mais quando ninguém fala contigo, aí a gente fica tipo o Mano Brown em Jesus Chorou: falando sozinho. Ninguém fala com a gente em todos os sentidos. Seja no recreio ou na vida... sobre a vida, o que é a vida, o que ela espera da gente (Racionais mostrou que não é muita coisa não; sempre esperam o pior da gente e eu só sei disso porque eles me falaram). Aí nós temos que ser duas vezes melhor, mas melhor como? Eu não faço a menor ideia. Só sei que é daí que vem a ideia de que não podemos errar, Febem.

Tem várias perguntas que eu não sei a resposta e muitas delas não foram esses filósofos brancos que a gente aprende na escola, ou na faculdade, que me deram. Eu tenho outras, tipo viver pouco como rei ou muito como um Zé? BK respondeu o que eu responderia: “essa eu ainda não sei responder”. É complicada essa questão, porque a gente não vive o suficiente pra se enquadrar no “muito como um Zé”, pensando que a cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil, e muito menos temos o necessário pra “viver pouco como rei”, já que o novo povo representa 75% da população mais carente - a gente tá muito longe do sucesso e drasticamente perto da lama e, como diz o Emicida, o mundo vai se ocupar com seu cifrão dizendo que é a miséria que carecia de atenção. Eu digo que, assim como



BK, eu também ainda não sei responder essa pergunta, porque eu realmente não sei se eu gostaria de viver muito e ter a possibilidade de ver as próximas gerações vindo ou se eu gostaria de viver pouco, mas sem ter que escolher qual conta pagar, não tendo que escolher se eu compro um livro ou guardo dinheiro pra passagem de ônibus pra ir pra aula, se eu vou comprar um lanche no Jesus ou se eu vou tomar uma cerveja. Eu queria os dois, queria tudo o que o mundo tinha pra me oferecer, mesmo sabendo que o mundo todo ainda é pouco pra mim. Mas tava pensando aqui que isso não é tão recente, isso não começou em mim e definitivamente não vai acabar em mim. Isso vem de antes, muito antes - e eu nem sei quando e onde se encontra esse antes.



Eu entendo o Froid, mas eu sou de humanas e as perguntas fazem tanto sentido pra mim quanto as respostas. Isso não significa que eu só vá te perguntar coisas ou que tu deva responder elas, mas elas são importantes, tu vai ver!

Acho que a gente tem muita coisa pra conversar e eu queria te largar uma pergunta já agora (não precisa me responder, fica à vontade): tu tem prestado atenção nas coisas que tu tem escutado?

Eu escutei muita coisa na minha vida, coisas boas e coisas ruins; e eu nem tô falando de música. Mas tive sorte de ter conhecido algumas pessoas que eu conheci (muita ênfase em algumas). Tive mais sorte ainda das conversas que a gente teve. Emicida foi um, talvez tenha sido o primeiro a trocar ideias realmente importantes comigo depois da minha mãe, mas não foi o único. Tive conversas com Racionais, Facção Central, GOG, 509-E/Dexter, Ao Cubo, Ndee Naldinho, Dina Di, Face da Morte, Ebony, Realidade Cruel, A Família, Marcelo D2, Djonga, BK, Baco Exu do Blues, Major RD, MV Bill, Diomedes Chinaski, Zudzilla, Cristal, Aka Rasta, Amiri, RZO, Augusto Pakko, meu amigo de anos Varela, os Poetas Vivos, a gurizada do coletivo (Uni)Versos, Stefanie, Big Blakk, Bivolt, Sant, Borges, Rincon Sapiência, Coruja BC1, Choice, Febem, o Froid que eu falei há pouco, LEALL, Kyan, Drik Barbosa, Sain, FBC, Clara Lima, Dory de Lima, Souto Mc, Nego E que agora se chama Negus, falando em nego tem o Nego Max e a Negra Li, Black Alien, niLL, Yung Buda e toda a galera da Sound Food Gang, Mc Caverinha, RT Mallone, a Tasha e a Tracie, o Thiago Elniño que eu quase esqueci de falar e mais muitos

outros manos que provavelmente eu esqueci de falar. A gente já conversou muito, meu mano! Tem vezes que a gente até repete o mesmo assunto várias vezes no mesmo dia.

Fico feliz que tu pilhou conversar comigo que nem eu pilhei conversar com toda essa galera aí. Não sei se tu já conhecia eles; caso não, fico feliz de te fazer essa ponte e te apresentar algumas conversas que tivemos. Espero que tu curta.

Não acho legal ficar roteirizando nossa conversa, mas acho da hora a gente passar por alguns pontos. E aí, o que tu me diz? O que não pode faltar?

Eu acho que falar sobre a função da escola pra gente é importantíssimo. Pô, eu tô estudando faz 18 anos e eu tenho uma relação de amor e ódio com a escola. Tenho muita ideia pra trocar sobre isso, tem uma galera que pode contribuir também! Tu te importa se eu chamar mais gente pra conversar com a gente?

Pra além de falar sobre tal coisa ou discutir tal tema, tem uma parada que acho que passa por tudo o que a gente possa vir a conversar mais adiante que são os desejos, meu mano.

Nós temos muitos desejos compartilhados. Não necessariamente nós dois, talvez nós dois também, mas me refiro a nós enquanto povo, entende? Um deles, talvez tenha sido o que eu mais escutei, é o tirar a mãe do aluguel. Te juro, isso é bem recorrente, mano, começa prestar atenção nos raps que tu escuta. Mais cedo ou mais tarde eu teria esse desejo independente do rap, o rap só antecipou o inevitável.

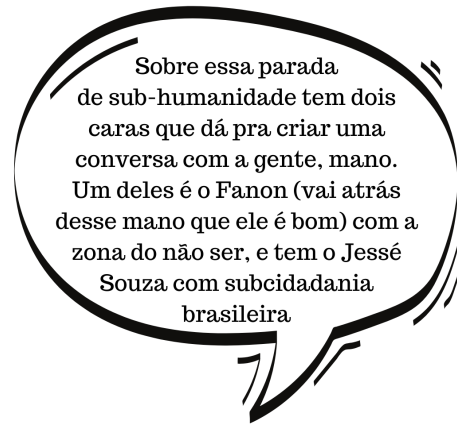
Tu já conversou com teus amigos sobre o que vocês querem ser quando crescer? Eu não costumava conversar muito sobre isso quando menor, mas posso falar agora contigo. Eu já quis ser bombeiro, médico, dançarino da Beyoncé, um power ranger e um ninja, tipo o Naruto (não duvido que o Naruto ganhe, a cada missão, mais do que eu no mês). Na minha cabeça, de certa forma, todas essas possíveis profissões me davam estabilidade. Tu já viu a geladeira do power ranger vermelho? Não né? É porque isso não é uma questão e eu gostaria que não fosse uma pra mim também.

Mas acho que tem outros sentidos pra querer essas profissões: eu queria salvar o mundo. Parece aqueles discursos de miss universo, mas é real. Não tem um preto que já não pensou nisso. Inclusive, tem muito aquele papo de gente branca que a humanidade deu errado, que tem que cair um meteoro pra acabar com a humanidade, mas quem fez dar errado foram eles. Até ontem nos colocavam



numa posição de sub-humanidade e agora querem nos colocar no mesmo barco que eles? Não rola! Eu queria nos salvar, desde cedo eu queria nos salvar. Que teto, até quando somos crianças já pensamos em um coletivo, pensamos por um coletivo...

Emicida traz a fala da Linn da Quebrada numa entrevista e é mais ou menos sobre isso: uma vez que fomos colocados na posição de sub-humanidade, de animal, buscamos incansavelmente um outro status, status esse que seria de humano, mas as nossas referências de humano estão completamente contaminadas pela Europa, aí não cabe pra nós. Isso é tipo tu, do nada, ganhar umas asas e elas derreterem porque



tu chegou perto demais do sol - foi o que aconteceu com o Ícaro, pelo menos foi o que o Emicida me disse que aconteceu com ele numa música em AmarElo. Tenho outro exemplo tão bom quanto: é tipo tentar usar uma chuteira três números menor do que tu calça; pode até ficar bonito no pé enquanto tu tá sentado, mas vai te doer quando começa jogar bola. Tem uma amiga que fala sobre isso, ela não é rapper, mas é massa de conversar, a Isildinha Nogueira. Ela fala sobre esse desejo de querer ser branco e como isso nos faz mal, como nos machuca. Acho que ainda tá muito cedo pra gente conversar sobre isso, tu ainda é muito novo e tem coisas que precisam vir antes dessa conversa em questão. É nessa busca por uma humanidade branca que chegamos no desejo de ser Deus. Qual a cor desse deus? Ele é imagem-semelhança de quem? Agora não sei muito o que dizer sobre esse desejo (também não sei se eu preciso saber o que dizer sobre desejo agora), mas pelo menos podemos desejar ser uma deidade mais próxima de nós; podemos ser um deus que é a nossa cara, que tem o nosso nome, maninho! Como fazer? Também não sei (ainda!).

Hum... eu tava pensando um pouco sobre isso, sobre como buscarmos um outro deus pra nos espelharmos e acredito que a única forma de fazer isso é fazendo uma reconstrução do passado, uma reconstrução da memória. Numa das conversas que eu tive com o Emicida, ele me disse que é necessário voltar ao começo, quando os caminhos se confundem é necessário voltar ao começo, quando não se sabe pra onde ir, tem que voltar pro começo, pra não perder o rumo, não

pode esquecer do começo. Eu não sei onde é esse começo, mas sei onde era o ontem e se eu sei onde era o ontem, talvez eu ache onde é o anteontem.

Me adiantei bastante sobre algumas coisas, mas a gente não precisa correr. Quem respeita o tempo, recebe o melhor que o tempo tem, maninho. Vamos por partes.

Tu tá com tempo pra gente começar agora as conversas?

## **PRA QUEM JÁ MORDEU UM CACHORRO POR COMIDA ATÉ QUE EU CHEGUEI LONGE**

Maninho, desculpa a demora pra continuar nossa conversa. A vida acontece, não avisa... como diz o Emicida, atrasa a caminhada de quem para nas baliza. A vida aconteceu pra mim e eu tive que ir com ela. O tempo não para pra gente, tipo ônibus depois das 23h. Espero que tu entenda. Mesmo que tu entenda, acho que eu preciso me explicar, é o mínimo que eu posso fazer agora, além de retomar da onde a gente parou.

Eu tô pra me mudar, tenho alguns poucos meses pra ver isso e nem faço ideia pra onde eu vou dessa vez e isso tem tomado um espaço grande na minha cabeça. Não que isso seja alguma novidade, em junho eu faço 25 anos e essa vai ser a minha 8ª mudança, isso é tipo uma mudança a cada três anos eu acho (não sou bom em matemática).

Além disso, tem a parada de grana que me pega muito. Fazer compras no mercado ficou mais caro, tem o aluguel pra vencer logo menos, a luz que aumentou significativamente. Tô pegando uns trabalhos temporários quando surgem, só com a minha bolsa de 400 reais não tá dando pra segurar não.

Sei lá, a vida é foda.

Também aconteceu uns roles massa aí no meio disso tudo. Fui num jogo de futebol pela primeira vez depois de adulto; fui eu e a Isadora, uma amiga minha, de última hora. A última vez que eu fui eu era molecão, sepa tinha a tua idade ou algo perto disso. Não lembro muito daquele dia, mas eu fui com o meu pai. Saudades.

Enfim, a vida aconteceu, maninho.

Dentre tantas coisas que eu acho que nem eras falar, eu peguei covid. Chatão isso, tô com dor de cabeça, tive febre hoje mesmo e mais uns outros sintomas, mas acho que foi isso que me trouxe aqui (de novo). Ficar trancado no meu quarto me trouxe muitos pensamentos que eu não sabia o que fazer com eles e não acho que tu vai conseguir me ajudar organizar eles ou algo do tipo ou que tu devesse me ajudar com isso (não é nesse sentido as nossas conversas), mas acho

que tem coisas que são interessantes de conversar contigo que me veio aí entre um corre e outro e eu anotei no bloco de notas do celular ou que vai vir agora de improviso, como se a gente tivesse numa batalha de rima da Redenção (saudades, inclusive).

Pra falar a real, era mais ou menos isso que eu queria trocar uma ideia contigo, sobre as respostas e mais umas paradas que vem junto disso, mesmo quando a gente não tá preparado pra essas coisas. Eu espero que eu consiga terminar de conversar tudo o que eu gostaria de conversar contigo, espero que esses corres que eu tô tendo que fazer não nos atrapalhe muito mais do que já nos atrapalhou.

Mas ó, eu fiquei pensando que não foi só a vida batendo na porta que me fez parar nossa conversa por um tempo. Mano, eu tô cansado! Não que esse cansaço não seja da vida, mas acho que isso não é tão simples assim. Eu vou tentar começar pelo começo ou o mais próximo disso.

Tudo começou por causa do Emicida. Não sei o porquê, mas entrei num teto de ouvir as antigas dos rappers que eu curto e resolvi escutar “Pra quem já mordeu um cachorro por comida até que eu cheguei longe”. Acho que não importa muito o motivo, mas foi a melhor escolha que eu já fiz. A primeira faixa, a que abre o disco, foi o que me fez ter essa conversa contigo. Sem o Emicida me dizendo que é difícil plantar ambição sem ver a ganância nascer no coração de um ser que nunca viu nada acontecer, talvez eu não tivesse me dado conta dessas coisas que eu te disse até então e das que eu vou falar depois.

Tu te ligou nisso? É difícil plantar ambição sem ver a ganância nascer no coração de um ser que nunca viu nada acontecer. Pra si, sabe? Nem ao redor... Vai foder quem tiver do lado se isso te trazer o melhor e te fazer melhor. E o que é melhor aqui, parceiro? Cê vai viver de amor do lado de quem mata por dinheiro?

Talvez essa seja a primeira vez que tu escuta isso de mim, mas te garanto que não será a última: nunca traia ou dispare contra quem tá na merda contigo, nem ao menos aponte a arma contra um dos teus. Tua paz não vale umas poucas moedas de ouro - já diria Judas; e FBC me alertou quando disse que isso era só money e não valia nossa vida, mano. Mas pra além disso, porque isso é muito mais complexo do que só traição, deixa eu te mostrar uns tetos que eu tive...

Acho que o primeiro ponto é ambição e nem poderia ser diferente, o Emicida já traz isso com os dois pezão no peito logo na primeira frase. Eu lembro de ter conversado sobre ambição com a Cristal, uma mc da zona sul aqui de Porto Alegre, ano passado. Ela me trouxe duas visões que eu quero te passar. Tem dois tipos de ambições (e pra ser sincero eu não sei até que ponto elas surgem de nós ou são nos dadas): ambições puramente de bens materiais e status e ambição de melhoria. As duas se cruzam muito, mano, tu tem que ficar ligeiro.

Minha geração é bem diferente da tua, mas deixa eu tentar te dar uns exemplos. Eu cresci vendo muita TV e, naquela época, o jeito mais comum de se assistir a clipes (de pop, rap ou seja lá o gênero musical que tu quisesse escutar) era através da MTV ou da MIX TV. Eu tive muito acesso a raps estadunidenses por causa desses dois canais e, conseqüentemente, tive muito acesso aos desejos de consumo deles. Mano, é muito diferente as paradas que, sei lá, o Soulja Boy cantava do que o Racionais cantava - isso que eu não entendia o que eles cantavam, mas tu tá ligado que dá pra entender mesmo sem, de fato, entender; o clipe entrega muita coisa. Mas não é nem como se eles não tivessem um Racionais ou um Facção Central ou um Realidade Cruel ou uma Dina Di ou um Trilha Sonora do Gueto, pô eles têm Public Enemy que canta *fight the power*, em que eles literalmente pedem poder pro povo preto, tá ligado?, tem também Queen Latifah que fala sobre união (lembrando que o lema do movimento hip hop é paz, amor, união e diversão) em U.N.I.T.Y, bota fé? Tem também o KRS ONE (ainda bem que eu lembrei dele), além das letras muito boas dele, ele tem uma entrevista, que é bem barbadinha de tu achar legendado no youtube, sobre a diferença de meninos e homens no rap e que esses meninos, como o Soulja Boy, que falam sobre ter carros e mulheres e dinheiro e sei lá mais o que, fazem com que a grande mídia (MTV e MIX TV) ganhasse uma grana absurda, enquanto homens, mesmo que pudessem falar sobre isso, tipo Tupac, tem outras preocupações antes de abrirem a boca; eles pensam em como estão seus filhos, suas esposas, sua comunidade. [Eu juro que eu tô chegando onde eu quero chegar, mas não é exatamente aqui]. Assim como o Soulja Boy e como já cantou o Mano Brown, eu também quero poder entrar na loja e poder comprar o azul, o vermelho, o balcão, o espelho, o estoque, a modelo. Mano, não importa!, todo mundo aqui sabe o que o dinheiro é e o que ele é capaz de fazer.

O ponto disso tudo é: os caras nos vendem a ideia de que sucesso é podermos comprar o que quisermos sem ao menos nos preocuparmos com o preço

e talvez seja, mas há várias complicações no meio desse processo. O primeiro é que eles também nos vendem essa ideia como algo inalcançável, e nos vendem isso nos dando poucos exemplos (até porque tem poucos exemplos, ou seja, são exceções) de pessoas pretas que puderam fazer isso e o que elas tiveram que fazer pra chegar nesse ponto. No bairro do Chris Rock, um dos maiores comediantes do mundo (aquele que escreveu Todo mundo odeia o Chris, tá ligado?), tem ele e mais uns dois pretos que são o Jay-Z e a Beyoncé (realmente não duvido que sejam só eles de pretos), no entanto tá cheio de dentistas brancos, bancários brancos, médicos brancos e eu te garanto que esses nem são os melhores do mundo em suas respectivas profissões. Mas a gente pode tentar ir um pouco além nessa análise e pra isso eu queria tomar um outro papel importante que a TV teve pras gerações passadas - e eu me incluo aqui - e que a internet supre esse papel pras gerações atuais - também me incluo aqui.

Deveria ser fácil perceber que nós entramos num daqueles labirintos do Harry Potter que vão trocando os caminhos: algumas entradas se fecham diante dos teus olhos e outras se abrem e depois se fecham pra outra abrir e fechar. É um ciclo! Eu não sei se é o Negus, se é o RT Mallone, se é o Sadiki ou se é o Helibrown, mas, na música Labirinto, um deles larga que, essa sensação de tá andando em círculos, torna qualquer sonho ridículo. Não sei se eu seria tão radical assim, mas talvez ele esteja certo. Tem até uma outra letra que pode me ajudar aqui de um mano que eu não sei o nome e os Racionais me apresentaram:

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo  
Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol  
Vai vendo...  
Mas o sistema limita a nossa vida de tal forma  
E eu tive que fazer uma escolha:  
Sonhar ou sobreviver  
Os anos se passaram e eu fui me esquivando do círculo vicioso  
Porém, o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido  
Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico  
Em busca do meu sonho de consumo  
Procurei uma solução rápida e fácil pros meus problemas: o crime  
Mas é um dinheiro amaldiçoado

Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava  
Logo fui cobrado pela lei da natureza  
Vixi, quatorze anos de reclusão  
O barato é louco, ó

Na mesma medida em que esses dois canais que eu citei me mostravam meia dúzia de pretos com um puta relógio no pulso que brilhava mais do que qualquer coisa que eu já tinha visto pessoalmente, outros cinco canais me mostravam gente preta sendo presa e sendo morta. Me mostravam às 6 da manhã quando eu me arrumava pra ir pra aula meio a contragosto, me mostravam meio dia enquanto eu comia a comida da minha vó, me mostravam no meio da tarde antes de eu assistir sessão da tarde, me mostravam umas duas vezes de noite entre uma novela e outra e, às vezes, me mostravam de madrugada quando eu ficava acordado escondido da minha mãe pra ver os filmes do corujão na Globo. Eles nos vendem essa ideia de que o progresso surge a partir da possibilidade de acesso a certos lugares e a capacidade de consumir certos produtos que até então não conseguíamos, mas nos dizem que são só alguns de nós que poderão ascender a tal ponto, porque muitos dos nossos vão ir dormir depois da última novela e não acordarão no dia seguinte.

Isso é foda também! Desculpa os palavrões, mas isso me pega muito, há muito tempo... desde que eu tenho 13 anos, mano.

Outro rapper que eu revisei recentemente foi o MV Bill. Ele tem um trampo-documentário chamado “Falcão: Meninos do Tráfico”. Vendo esse documentário eu me liguei em algumas falas que dizem sobre esse desejo, sobre essa primeira ambição. São manos que variam entre a tua idade e a minha quando eu entrei na faculdade.

MV Bill perguntou pra um maninho o que ele faria com muito dinheiro e ele respondeu que compraria uma moto pra poder impressionar as minas, porque elas não dão moral pra um quebradinho que nem ele, mas que também compraria uma casa pra poder morar com a mãe. Tu já parou pra pensar o que tu faria com muito dinheiro? Quanto é muito dinheiro pra ti? Pra mim muito dinheiro é 10 mil - o Don L

e o Diomedes Chinaski me disseram que 10 mil é pouca grana, me disseram que 10 mil tu nem compra um carro.

Outro amigo desse documentário falou sobre ver a mãe dele saindo pra trabalhar todo dia cedo de manhã, mas a situação deles continuar a mesma. Tu tá ligado o que é desejar coisas simples e não poder ter? No caso desse amigo aí, ele queria ter um carrinho de controle remoto, uma bicicleta. Outro mano falou que ele só queria conhecer um circo, mas a mãe dele não pôde levar ele no Beto Carrero... A minha mãe também prometeu me levar no Beto Carrero, mas ainda não cumpriu, se bem que eu já não sei se eu quero ir lá mais. Acho que já passou a minha fase. Mas eu sempre quis comer bisnaguinha e iogurte quando menor, talvez seja por isso que eu fale tanto sobre isso hoje em dia. Lembrei de uma conversa que eu tive com o BK em 2016, ele me disse que quando criança ele sonhava em crescer e ter tudo de melhor dessa vida, mas, que agora, ele já era um homem crescido e a criança nele ainda é viva. Sacou? Ele também não conseguiu realizar todos os seus sonhos e desejos e...

Viver pouco como rei ou muito como um Zé? Parando pra pensar agora, essa pergunta não me parece tão difícil de responder. Por outro lado, a facilidade de se responder essa pergunta é que a torna difícil de responder. Muitos entram na boca na esperança de mudar de vida e muitos morrem pela boca. Vários irmãos morreram pela boca, mas não como cagueta pela boca, né não Don L?

Mas eu não posso julgar eles, mano. Não me cabe isso. Cada um faz suas escolhas pra não passar fome. O que me cabe é mostrar outros caminhos possíveis, mostrar que há caminhos (no plural) possíveis. Emicida já disse: o trampo exige foco, tem que viver a parada e isso é tão fácil quanto tirar um doce da boca de outra... quebrada. O que me cabe, assim como coube ao Eduardo Taddeo do Facção Central, é dizer que esse caminho que estávamos falando tem dois futuros possíveis: a morte ou a cadeia e, ao que me parece, nenhum dos dois são bons..

Foi mal, surgiu mais um trampo e eu tive que abraçar. Voltei agora, só comi um negocinho rápido e voltei. Mesmo cansado eu voltei, sempre volto, maninho.

Me veio um pensamento na cabeça por causa desse trabalho que eu fiz e a forma que eu fiquei depois dele. Mano, tu tá com tempo pra sonhar? Tu tem te



permitido sonhar? Eu lembro de um gurizinho falando no meio de uma das músicas do MV Bill dizendo que nessa vida não dá pra sonhar, porque amanhã ele nem sabe se vai tá aqui. Daria pra fazer uma lista de gente igual a gente que teve seus sonhos interrompidos. O Brasil (mais além tu vai descobrir que, na real, não é só o Brasil) tem um tesão em ver o nosso povo morrendo, na merda.

Mas ó lá, Emicida, lá vem um policial que já me viu na TV espalhar minha moral, veio se arrepender de ter me tratado mal. Quem perdoa é Deus, eu não... por mais que eu queira ser, eu não sou (ainda). Quem bate pode até esquecer, mas quem toma um chute de botina na costela não consegue não.

Olhando em retrospecto, eu posso dizer que já fui despejado duas vezes. Se eu forçar a cabeça, consigo te dizer em que ano foi isso, mas eu não quero lembrar em que ano foi. Também consigo te dizer a sensação horrível que é o despejo (tanto antes de, de fato, acontecer, quanto durante e depois), mas eu não quero ter que falar ou escrever sobre. Onde eu quero chegar com isso? Na minha mãe. Ela me disse várias e várias e várias vezes ao longo dos meus vinte e tantos anos que tudo ia ficar bem no final. Não ficou, mas também não posso cobrar ela, ainda não chegou no final. Ela repetiu isso tantas vezes que às vezes eu me pego falando de canto que tudo vai ficar bem no final, mesmo quando eu não acredito nisso. Acho que isso tem relação com o que eu te perguntei, tá ligado?, se tu tem sonhado.

Eu não sei se eu tenho sonhado... Quer dizer, tenho. Mas talvez no impulso, saca? Sonhando mais por necessidade do que por crença real. Talvez seja um exercício a se fazer, tipo arrumar a cama de manhã, escovar os dentes, ~~enxaguar o~~ ~~banho~~, tomar água de tanto em tanto tempo. De vez em quando eu me pego imaginando como seria ser outra pessoa e agora, neste exato momento, eu queria ser o Emicida só pra ser milionário em alguma coisa, nem que fosse só dos sonhos.

Falando em querer ser o Emicida, em quem tu te inspira? Quem é o teu maior ídolo hoje? Um amigo, o Alisson Batista, falou uma vez pra mim que, quando criança, ele adorava tomar banho, porque, ao ficar com o corpo [preto] completamente branco por causa do sabonete, ele podia ser tudo o que ele queria ser: ele conseguia se imaginar em programas de TV, poderia ser um super herói, ele poderia ser literalmente tudo o que ele gostaria de ser! O problema vinha quando se enxaguava e todas essas possibilidades escorriam pelo ralo. Pra nós, só existe uma chance, certo? É acertar ou acertar, a possibilidade do erro não nos foi dado. Como

diz o Febem, quem não pode errar sou eu, tô certo? E isso perpassa em quem nos inspiramos; quem idolatramos reflete em quem queremos ser. Tem diferença em se inspirar no Ben Simmons que prefere ficar uma temporada sem jogar pra forçar uma troca de time e se inspirar em Kobe Bryant que jogou uma partida com o dedo quebrado e marcou 39 pontos. Kobe tinha uma parada que ele chamava de *Mamba Mentality*, a mentalidade mamba, simplificando ao máximo, é melhorar um pouquinho a cada dia, tentar ser melhor que ontem. Melhorar um pouquinho a cada dia e tentar ser melhor que ontem exige trabalho, mas, sobretudo, tentativas e tentativas são, necessariamente, acertos e erros e nisso eu me contradigo, mas de propósito. Tudo pra nós é mais difícil, já diria Major RD, concordo com ele, mas não significa que não teremos um amanhã para repetir processos. Aprendizagem são erros, nós podemos errar. Negar o nosso direito ao erro é tirar a nossa humanidade. Tá ligado naquele ditado, errar é humano? Pois é, meu mano... Realmente, a vida não é um vídeo game, não existe uma barrinha de vida no canto superior esquerdo da tela com três coraçõezinhos e, se tu morre uma vez, tem mais duas tentativas. Mas agora a gente tá falando de erros, não de mortes, não precisamos levar a vida tão a sério, principalmente tu que ainda é uma criança. Te cobrar seriedade com a vida é tirar tua inocência, tua infância... Obviamente isso não é uma regra, mas, depois de um *game over*, haverá um *try again*. Não te esquece: se a vida tá um caos, dá um *pause*; tu não precisa te martirizar vivendo no modo *hard*.

Tu tá preparado pra, quando crescer mais um pouco, servir de exemplo pra outras pessoas, outros meninos pretos (sinceramente, eu não sei se eu tô, essa ideia ainda me assusta um pouco). Por quem tu faz tudo o que tu faz?

É pela minha mãe que eu sigo, da mesma forma que eu sei (porque ela já me falou) que é por mim que ela segue. Tava pensando aqui, na real que eu tenho vários sonhos, não sei se eu posso me chamar de milionário dos sonhos, mas sei lá, talvez eu seja um classe média dos sonhos. Eu tenho o mesmo sonho que aquele maninho que abre a música O mágico do Oz dos Racionais, tenho os mesmos que o Martin Luther King, tenho uma pá de sonhos, bota fé? Mas o meu sonho principal é tirar a minha mãe do aluguel. Não importa como eu vou fazer isso, eu vou! Nós somos de fazer dar certo mesmo na incerteza. Somos de fazer 2 + 2 virar 5 e isso não tem relação nenhuma com um erro matemático; é papo de tirar leite de pedra,

fazer a vaca tossir, fazer a cobra parar de fumar, cobrir um santo sem ter que despir o outro, dar a volta por cima, por baixo e por todos os outros lados possíveis - é papo de fazer alguns milagres ao longo do mês e repetir esses milagres no mês seguinte.

Aí a gente volta praquele assunto lá do início da nossa conversa, sobre ambição, te lembra? Acho que a Cristal tem um ponto muito bom pra fechar esse nosso papo por aqui:

Eles sabem nadar em um mar de cifrão  
E pra nós ficar vivo já é ambição  
Eles sabem nadar em um mar de cifrão  
Enquanto nós se afoga nessa ilusão de achar que o topo é fascinação

Ambição é se manter vivo. Ambição é sobre ter segurança.

Aquilo que eu te falei há pouco, sobre sonhar em tirar a minha mãe do aluguel, trata-se de segurança! É a certeza de que no dia seguinte tu ainda vai ter um lugar pra dormir, porque esse lugar é teu!

Ter dinheiro na conta é massa, dá pra fazer o caralho a quatro no mercado, dá pra entrar na loja da Nike e sair com umas quatro sacolas em cada mão e o segurança branco ainda vai meter um sorriso amarelo pra ti e vai abrir a porta pra que saia da loja. Mas se o dinheiro na mão é vendaval, a gente faz ser uma mera brisa. Dinheiro na conta é segurança. É a certeza de que se tu precisar comprar um remédio, tu vai ter. É a certeza que não vai faltar condição pra ir pra aula de ônibus. Controle financeiro é a chave. Quem controla o dinheiro te controla e o objetivo é nós tomarmos o controle. Nós trabalhamos pra brancos e nós devolvemos a eles o dinheiro que eles nos dão. Temos que começar a gastar com a gente, investir na gente! Dar orgulho pra Dina Prates e pra Nath Finanças, mano!

Não tô dizendo que é errado querer comprar um carro ou buscar grana, tá ligado? Se eu tivesse dinheiro eu seria muito menos fodido da cabeça, sepa nem teria depressão, meu mano. É aquilo o que o FBC falou: nunca mais vão me chamar de pobre, nunca mais de sujo, nunca mais vão me chamar de feio, nunca mais vão me chamar de mal-vestido. Eu já tive vários planos: alguns pra tirar um sorriso de

algum mano que precisava, outros pra acabar com uns sofrimentos, tem uns que era tipo o do FBC [pra ficar rico], mas nenhum de saúde.

Lembrei uma do Kayuá agora, do nada me veio essa:

Via de forma natural  
Na geladeira só arroz e salsicha  
Quando eu cresci é que caiu a ficha  
Nós ostenta o que era pra ser normal  
[...]  
Mais que dinheiro pra sarar essa dor  
Autoestima pros iguais de cor  
Pôr quem se ama no melhor lugar  
Dou papo reto, nego, eu não prego

Não sei se tu tá conseguindo entender o que eu quero te dizer... Djonga me mandou essa um tempo atrás e eu acho que vai ajudar no meu pensamento:

É pra nós ter autonomia,  
Não compre correntes, abra um negócio  
Parece que eu tô tirando  
Mas na real tô te chamando pra ser sócio

Pensa bem, tirar seus irmãos da lama  
Sua coroa larga o trampo  
Ou tu vai ser mais um preto  
Que passou a vida em branco?

A Cristal já disse o que é ambição pra ela, o Emicida, o Kayuá e o Djonga já disseram o que era ambição pra eles e eu já disse quais eram as minhas. Mas e tu, maninho, quais são as tuas ambições?

Eu espero que em um outro momento, num futuro próximo, a gente possa conversar sobre outras coisas mais leves do que isso. Quem sabe a gente não troca

uma ideia sobre **o glorioso retorno de quem nunca esteve aqui**, aí a gente fala sobre nossas flores favoritas (as minhas são **crisântemo**, sakura e gerbera, só pra já deixar avisado) e essas coisas bonitas da vida. Podemos, se tu quiser, até fazer um **samba do fim do mundo** ou um **fristalli** no melhor estilo **ubuntu**. Melhor ainda, podemos falar **sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa** (eu odiava lições de casa, odiava até a escola, mas isso a gente deixa pra depois).

Antes de ir, queria te deixar uma pergunta que o Emicida me fez:

Como é que nós vai sonhar com o pódio  
se o amor é luxo  
e com a grana que nós tem  
só dá pra ter ódio?

Ainda não respondi ele, mas acho que a gente pode falar sobre isso uma outra hora, né?

Até mais, maninho! Te cuida. Entre um corre e outro a gente se fala.

## HERESIA

Não me entenda mal, a escola é importante, tanto é que eu apostei todas as minhas fichas e as fichas de boa parte da minha família na educação, mas ela é chata e, muito mais do que chata, ela é cheia de problemas. É nela que se dá a formação das pessoas no sentido mais amplo possível, entende? Tem a formação acadêmica, em que se aprende, sei lá, biologia, matemática, português e outras coisas importantes que, talvez, tu ainda não veja essas coisas como coisas que merecem uma atenção especial - espero que eu esteja errado sobre isso - e tem a formação de indivíduos, em que aprendemos a nos comportar numa sociedade. E aí que tá, meu mano! A sociedade é racista e põe a culpa nos pretos, então por qual motivo isso seria diferente com a escola?

Há um tempo atrás tava conversando com dois manos (inclusive eles fazem um som, procure saber), o Thiago Elniño e o Sant, e a gente trocou uma ideia mó massa sobre essa questão da escola. Até falamos sobre o desejo de largar os estudos. Na verdade, quem trouxe isso foi o Thiago. Ele disse que a escola tava matando ele por dentro toda vez que ela se negava a contar a sua história. Me identifiquei muito com o que ele disse, mas tu conhece a tua história? Sabe da onde tu veio? Sabe como chegou aqui? Pra saber pra onde ir, tem que saber de onde veio, mas esse papo a gente deixa pra depois. A questão é que a escola tem o papel de formar mão de obra e nisso apagam qualquer ambição que a gente tenha ou possa ter no futuro (te lembra da conversa com a Cristal?), tanto que nos ensinam que descendemos de escravos - tendeu?, ó a passividade nisso, meu mano. Entretanto, mesmo que a escola seja uma instituição que tá em um outro patamar e, portanto, haja um racismo específico nesta, ela é constituída por pessoas e o racismo delas é muito mais palpável. Tipo, não tem como bater numa escola, entretanto... Não tô dizendo que a violência é a resposta. Às vezes é, mas isso é bem complicado, ainda mais quando se entende que uma sociedade racista tende a culpabilizar os negros pelo racismo sofrido e também pela resposta que se dá ao racista. Mas aí vem o Zudzilla e dá dois dedos de prosa comigo e me mostra o quão complexo é esse papo de violência. Tipo, quem é que tá real sofrendo violência aqui? É tu, meu mano, é a tua irmã que geral chama ela de sovaco fedorento, é o maninho da sala do lado que insistem em dizer que ele é a tua cara e

apelidaram ele de Caesar por causa do filme Planeta dos Macacos. Qualquer resposta a isso, seja ela qual for, é em legítima defesa. Na real que nem dá pra chamar isso de violência; é estratégia, é inteligência. Quem falou isso nem fui eu, também não foi o Zudizilla. Foi um mano das antigas, do tempo do teu vô, foi Malcolm X. Luís Gama é outro que fala uma parada parecida. Tem outro mano desse tempo aí também, o Martin Luther King, e máximo respeito a ele, tá ligado?, sem palavras, mas, qualquer coisa sobre esse assunto que ele fale, eu acho que ele tá errado. Se eu não me engano, ele fala uma parada tipo assim: “a violência como forma de se obter justiça racial é tão ineficaz quanto imoral. Ineficaz por ser um espiral descendente que termina em destruição pra todos. Imoral porque busca humilhar o adversário, ao invés de conquistar sua compreensão. A violência é imoral porque se alimenta do ódio ao invés do amor, destrói a comunidade”. Maninho, adversário se tem no basquete, não numa guerra. Mesmo se não for uma guerra, tu vai querer conquistar a compreensão do teu adversário? No basquete é ganhar ou perder, não tem empate - e teu adversário sabe bem disso.

Eu não sei onde tu estuda, se é em colégio particular ou público. Cada um tem suas particularidades, mas não são tão diferentes assim uma da outra - eu sei o que eu tô falando, passei pelas duas. Na real que eu ainda nem te perguntei teu nome, desculpa. E eu também não me apresentei, mas depois a gente faz essas honras.

Sabe, minha família botava muita expectativa em mim quando eu era mais novo (e ainda botam), diziam que eu era inteligente e pá, mas eu não conseguia ver isso. Eu era/sou o legítimo aluno nota 6, sempre na média. Não tinha/tenho nada de genial. Hoje eu consigo entender que boa parte disso é culpa da escola, mas na época eu não conseguia. Isso me frustrava de uma maneira que eu não sei nem descrever. Todo dia eu acordava querendo arranjar uma desculpa pra matar aula. Pior ainda, todo dia eu acordava querendo arranjar uma desculpa pra largar a escola.

Eu já disse que boa parte disso é culpa da escola e também já disse que eu não sou o único que desejou largar os estudos (olha aí, mais um desejo). O Thiago também quis. Falando no Thiago, esse mano sim é genial, ó que teto. Ele, que nem eu, odiava a escola e não entendia nada do que a professora falava. No meu caso, eu tive umas professoras que nem faziam questão de que eu entendesse alguma coisa do que elas tavam falando. Isso diz daquela parada de que querem que a

gente seja mão de obra barata que eu te falei há pouco, lembra? Meu mano, nem todo livro foi feito pra livrar, depende da história contada e também de quem vai contar. Que livros tão te dando pra ler e o que eles te contam? Pro Thiago contaram que o preto não tem vez, mas sabe o que o hip hop fez? Disse justamente ao contrário.

Sabe o que contaram pro Djonga? Djonga fez história na UFMG e largou o curso no último semestre. Diferente de mim, o Djonga teve um professor preto na época do colégio pra se espelhar e foi por causa desse professor que ele escolheu fazer história na faculdade.

Durante o curso, da mesma forma como aconteceu pra gente, ensinaram coisas que não faziam sentido pra ele, tipo Kant e Hegel. Kant pra mim é um mano branco que canta rap [falando nisso, a psicanálise que eu entendo veio tudo num barril de rap]. A faculdade, enquanto uma instituição de ensino, falha muito com a gente. Ela não foi pensada pra gente, o que não signifique que a gente não deva ocupar ela; pelo contrário, a gente construiu a universidade em todos os sentidos (desde a criação da filosofia, matemática, engenharia - não te esquece que o cuidado com a mente vem de África - quanto a construção em si, a obra, tá ligado?), então ela é nossa e devemos reivindicar. Mas também é preciso entender que faz sentido ela ser desse modo, porque, do mesmo modo que a escola pensada, ela é feita pra se manter pessoas em determinados lugares, manter nossas pessoas em determinados lugares. Só o acesso a ela tá foda. Quer ver? O Djonga fala que achava zoadado que tinha uma galera, que vinha de onde ele veio, que tinha que pagar pra estudar, enquanto tinha uma galera com grana estudando de graça. Mas esse não é o problema todo, não é nem a metade. As universidades públicas não foram pensadas pra quem trabalha, mano (essa é uma grande questão!), como que tu vai te sustentar, ajudar nas contas de casa com uma bolsa de 400 reais? Na canção que o Djonga fez pro filho dele, o Jorginho, ele conta que, mesmo sem acreditar, dizia pra mãe do seu primeiro filho que daria pra sustentar, enquanto fazia milagres com o dinheiro (ínfimo) da bolsa que ganhava da UFMG. Também disse que a noite era longa e pela manhã o choro ia passar, prometeu que ia dar tudo certo, mas a noite durou muito tempo (será que minha mãe também não acreditava que ia dar tudo certo no final e dizia isso pra me reconfortar?). É por essas e muitas outras que os nossos largam os estudos. É por essas e inúmeras outras que os nossos nem cogitam a faculdade como um caminho possível. Se não fosse o rap, o

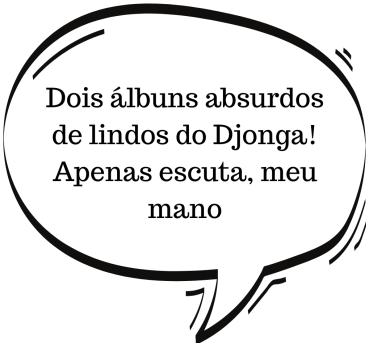


Djonga estaria no tráfico (o rap já salvou mais meninos pretos do que qualquer programa social). Só pra fazer um paralelo, tudo o que a escola ensina, a faculdade reforça na milésima potência, tanto as matérias quanto as nórias, tipo ensinar a nos odiar, mas, já dando um spoiler, Djonga diz que o segredo é se amar (não acaba por aí o que ele diz, mas deixa pra lá...). Por outro lado, se a faculdade é um caminho, ela não precisa ser. Eu só quero reforçar com tudo isso que ela pode ser, deveria ser. Mas não ache que tu vai encontrar conhecimento dentro dela, ou apenas dentro dela. Minha mãe é a pessoa mais inteligente que eu conheço (Djonga diz o mesmo sobre a sua), quem me ensinou matemática foi o meu vô e ele largou a escola na quarta série. Tá entendendo onde eu quero chegar? Nosso conhecimento tá nos mais diversos lugares! Tem pixação que diz coisas mais inteligentes do que alguns professores que eu tive, meu mano. O nosso conhecimento é muito maior do que qualquer instituição de ensino e vem de muito antes de qualquer instituição de ensino. Djonga deixou de fazer história na UFMG pra fazer no Brasil inteiro.

Tudo o que é nosso vem de antes do período da escravidão!

E sabe o que me contaram? Me contaram que eu não deveria estar lá, que eu deveria abraçar aqueles desejos de quando eu acordava pela manhã e simplesmente largar a escola. Me contaram isso todos os dias, durante 18 anos. Me contaram isso desde os meus 6 anos - ó que violência, mano. Até hoje me contam isso. Geralmente não era falado em si, eu via nos olhos deles - tem muitas narrativas por aí que não são faladas, maninho.

Engraçado, há uns anos atrás seria muito fácil falar sobre raiva, mas tem ficado mais difícil cada dia que passa. Parece que eu tô saindo de Heresia e indo pra NU; tenho gritado menos, mas eu sei que a raiva ainda tá lá, mas tá de outra forma que eu ainda não sei qual é.



Dois álbuns absurdos  
de lindos do Djonga!  
Apenas escuta, meu  
mano

Por falar em raiva, a minha fase de ensino fundamental foi o momento em que eu mais senti, ainda que sem entender exatamente o motivo, coisa que só aconteceu lá pelos meus 13 anos, quando eu entendi que não era apenas o dinheiro que me distanciava dos meus colegas, isso era o de menos - o que criava um abismo entre os nossos mundos era a raça. Mas antes de entender isso, lá pela

terceira série (que é de onde eu consigo tirar minhas memórias mais antigas), eu consigo falar sobre isso. Acho que já repassei essas cenas tantas vezes na minha cabeça que já não sai do jeito que eu imaginei que passaria pra ti - e que bom que eu não consigo, não seria bom pra nenhum de nós dois.

A primeira vez que eu senti raiva eu nem tinha consciência disso, na real que eu nem lembro disso (então, talvez, nem seja a primeira vez que eu senti raiva), quem me contou foi a minha mãe. Naquela época, eu morava perto o suficiente da minha escola a ponto de poder ir a pé. Pelo o que ela me contou, no meio desse trajeto, eu tropecei e isso foi o suficiente pra acabar com o meu dia. Eu não podia errar, não sei se eu desejava ser perfeito. Pensando agora, acho que tem mais relação com errar na frente de determinadas pessoas do que, de fato, errar. Ainda que eu estivesse só com a minha mãe, eu estava indo pra aula, num colégio que só tinha eu pra me confortar - só tinha eu de preto. Quando eu saía de casa, já saía preparado pra não dar brechas e me zoarem ou algo parecido. Isso com seis ou sete anos.

A segunda vez que eu senti raiva (e dessa eu realmente lembro) foi quando começou o ano letivo. Eu tava animado, recém tinha comprado o material escolar. Quando eu cheguei no colégio [particular], descobri que tinha uma nova camiseta do uniforme. Boa parte dos alunos tinham comprado, eu tava usando o uniforme do ano anterior, mesmo que ele já não coubesse direito em mim. O mesmo aconteceu com o meu tênis, geral de total 90 e eu com um topper apertado e meio rasgado embaixo, o que me fazia andar com o pé mais próximo possível do chão pra que ninguém visse o furo, andava quase arrastando o pé e as pessoas achavam que era estilo, balaca. Era necessidade.

A terceira vez que eu senti raiva não foi a terceira, mas vou fingir que foi. Conscientemente, na quinta série foi a primeira vez que eu me achei feio e fiquei puto por isso. Até então, era meio que tomado como piada pelos meus parentes, pelos meus amigos e, sendo assim, por mim mesmo. Lembro que eu negava minha negritude dizendo que eu não era preto, eu era marrom e outras coisas parecidas que as pessoas riam achando que era só uma piada, mas havia um desejo escondido nisso. Mas na quinta série foi diferente, essa foi a época em que começaram as festinhas na casa dos amigos, dos colegas e, conseqüentemente, da perda do BV. Que época merda. Acho que eu nem queria fazer parte disso, perder o BV não era uma questão pra mim, o que não significa que eu não tinha interesse

por algumas gurias - e bem mais tarde entendi que tinha interesse por alguns guris também -, mas era tamanha pressão que eu me submetia a chegar nas gurias. Tu sabe o final dessa história, né? Tudo o que eu recebia era “eu não sou zoológico pra beijar macaco” ou “tenho cara de princesa Isabel?”. No ano seguinte, só na sexta série, foi a primeira vez que uma guria beijou meu rosto, mano. Enquanto isso, via meus colegas [todos brancos] beijando quem eles queriam. Não só no colégio, mas nas praças, nos shoppings. As únicas pessoas que demonstravam interesse em mim no shopping eram os seguranças que ficavam me seguindo. Minha forma de lidar com isso era fazer piadas, se eu não era atraente o suficiente, tenho que, ao menos, ser engraçado. Eu fazia piada pra tentar encantar, fazia piada pra esconder a minha dor. Eu queria sumir. Mas o Baco cantou que ele demorou 25 pra se achar lindo, então eu tenho mais uns três meses de procura pela autoestima. Hoje eu consigo entender que isso é fruto do desejo de brancura - uma das pessoas que fala sobre isso é a Isildinha Nogueira (te lembra que eu falei dela há um tempo atrás?) A gente deseja ser branco, porque o branco representa tudo o que há de bom no mundo - ao menos é o que eles nos dizem, inclusive a escola. O branco representa a majestade moral, nobreza estética, sabedoria científica e a pureza artística. Quer um exemplo? Tenho certeza que tu já ouviu falar em Pablo Picasso, mas conhece Ernie Barnes e Jean-Michel Basquiat? Talvez tu saiba quem é Pablo Neruda, mas sabe quem é Tiatã e Hércules Marques?

A quarta vez que eu senti raiva, que também não foi a quarta, foi na sexta ou sétima série. Já era meio do ano e eu ainda não tinha conseguido comprar todos os livros didáticos que eu precisava pra aquele ano. A aula de português era a pior pra mim, se eu já não tinha o livro didático, imagina o corre que era pra conseguir ler os livros que nos passavam. Mano, foi foda, mas pelo menos a professora tinha consciência da merda que eu tava. Quem não tinha era a professora de inglês que toda aula me mandava pra diretoria ou pro SOE porque já tinha passado mais de meio ano e eu não tinha o livro pedido no início do ano letivo e, assim, não conseguia acompanhar as aulas. Odiava ela. Acho que nunca cheguei a mostrar pra minha mãe os bilhetes que ela mandava na minha agenda quase que nos intimidando a comprar aquela merda de livro. Pelo meu olhar, tenho certeza que ela sabia onde eu queria que ela enfiasse aquele livro. O que ela queria que eu fizesse? Fosse a pé pra aula (nessa época, eu já não morava tão perto assim da escola) pra comprar o material pedido, sendo que eu já fazia isso pra comprar os (melhor

dizendo, alguns dos) livros literários de português? Chinelona. Essa foi a segunda vez que eu chorei escondido no banheiro do colégio - a primeira foi quando me chamaram de preto fedido, eu acertei um soco no queixo do arrombado e fui chorar de raiva num banheiro que ninguém ia.

A quinta vez que eu senti raiva (acho que tu já entendeu que, definitivamente, essa não foi a quinta vez), foi no primeiro ano de faculdade. Não demorou um semestre pra eu entender que eu não pertencia àquele espaço. Percebi isso de modo sutil, pela linguagem, mano. Em uma apresentação de desenvolvimento humano, os meus colegas usavam palavras difíceis, algumas delas eu nem sabia o significado (e nem tô me referindo aos termos usados pelo departamento, porque o mesmo acontecia - e continua acontecendo - com a psicanálise e social), enquanto eu soltava um tá ligado. Era visível que vivíamos em mundos diferentes. Mas eu também já não pertencia ao lugar de onde eu venho, conversando com a minha família, com alguns amigos, eu falava algum palavreado que falavam nas aulas - aquelas mesmas que eu não entendia. Eu já não tinha um lugar pra estar, tava num entre. Alisson Batista fala sobre isso no TCC dele melhor do que eu. Outra coisa que marcava que meu lugar não era na faculdade, eram as roupas. Diferente do que acontecia no ensino fundamental, agora o sofrimento vinha por outro lado, já que eu não precisava mais me preocupar se eu usaria o uniforme do ano anterior mesmo ele estando apertado. Eu não precisava lotar a cabeça exatamente com isso, mas ainda a cabeça lotava com coisas muito próximas. Eles usavam calça até no verão, enquanto eu passava a maior parte do ano indo de regata, bermuda e chinelo. Eu usava as mesmas três regatas, as mesmas duas bermudas e o único chinelo que eu tinha.

Não pertencer a lugar nenhum me deixa... Não sei qual substantivo usar: tristeza ou raiva. Não pertencer a lugar nenhum me lembra a época de Pastor Dohms e o quão solitário eu me sentia. Não pertencer a lugar nenhum me lembra o meu primeiro ano de Ensino Médio em que eu não conhecia ninguém e passava todo o recreio sentado no canto da quadra sem falar com ninguém, olhando as pessoas transitando e jogando bola. Não pertencer a lugar nenhum me lembra que eu não era bom o suficiente pra entrar no time principal de basquete, nem ruim demais pra ser dispensado - tanto na Sogipa quanto no União. Não pertencer a lugar nenhum me lembra que eu vou me mudar pela oitava vez e ter a certeza que

virá uma nona vez. Não pertencer a lugar nenhum me lembra que eu nunca tive um lugar pra chamar de lar, só de casa.

Houve uma sexta vez que eu senti raiva (que, pela lógica, não foi a sexta vez), mas desculpa, eu não consigo continuar escrevendo sobre raiva.

Isso tem me feito mal.

Te lembra do Malcolm X, né? Eu não lembro direito quando eu ouvi o nome dele pela primeira vez, mas fui procurar saber mais depois de escutar Jesus Chorou dos Racionais. Malcolm X, assim como os membros dos Racionais, é interessante de tu ir atrás. Mas o que eu ia te falar, na real o que eu ia te perguntar, é uma parada que o Malcolm falou pra uma galera preta lá nos Estados Unidos, num velório de um maninho que foi assassinado. Quem me contou foi o Thiago no podcast dele, História Preta, eu não lembro direito o que ele falou, mas era alguma coisa assim.

Quem te ensinou a odiar a textura do teu cabelo?

Quem te ensinou a odiar a cor da tua pele a ponto de tu passar alvejante e outras paradas químicas para ficar igual ao homem branco?

Quem te ensinou a odiar a forma do teu nariz e dos teus lábios?

Quem te ensinou a te odiar do topo da cabeça até a sola do pé?

Quem te ensinou a odiar pessoas que são parecidas contigo?

Quem te ensinou a odiar a raça que tu pertence?

Esse podcast que eu te falei, o História Preta, teve uma série chamada Nossa Beleza. O primeiro episódio se chama Vênus - uma analogia ao quadro Nascimento de Vênus, símbolo de beleza, mas, com menos de cinco minutos de episódio a gente descobre que é por causa da Vênus Negra, apelido pelo qual era conhecida Saartjie Baartman, uma mulher preta que se apresentava pela Europa em shows de aberrações. Saartjie recebe esse apelido como uma referência sarcástica, às avessas, à Vênus. Eu recomendo muito que tu escute esse podcast, tanto quanto eu recomendo que tu escute Djonga, mas queria salientar um ponto aqui. Thiago André, o apresentador, traz pra essa conversa Kemet (lugar esse que hoje a gente chama de Egito) e faz a seguinte reflexão: se a Grécia pode ser

entendida como o berço do pensamento Europeu, Kemet ocupa esse lugar pra nós e pra nossa comunidade. E é aí que fica interessante! Em Kemet a gente encontra uma concepção de beleza fundamental que influenciou muitas outras comunidades africanas: eles pensavam que quanto mais belo um sujeito tava, mais próximo de deus ele estaria, então esses adornos, esses enfeites eram feitos sempre num movimento de tentar chegar próximo de uma divindade.

Tu já parou pra pensar nas coisas que nos ensinam, mano? A escola sempre reforçou que a gente era feio, aí o hip hop veio e disse que a gente é lindo pra caralho.

Mas aí o hip hop veio e me disse o contrário!

O hip hop me falou sobre amor. Kamau (outro rapper massa de tu conhecer) vai dizer que amar é se esforçar sem esperar recompensa, que é tentar ao máximo e só depois pensar se compensa. Tudo o que os rappers falem sobre esse amor parece que me leva sempre ao Arlindo Cruz me dizendo que, se perguntarem pra ele o que é o amor, ele não sabe responder e nem explicar.

O amor que eu aprendi não é aquele amor entre duas pessoas, tipo o da Beyoncé e do Jay-Z que se apaixonaram um pelo outro, tiveram uns filhos, rolou uma traição aí no meio, ficou um clima estranho, mas seguiram juntos e deu tudo certo no final. Também não é aquele entre a Rihanna e o Drake que nem deu tempo disso tudo acontecer, mas deu tempo de acontecer entre Rihanna e o A\$AP Rocky (tempo é outra coisa interessante da gente conversar, me lembra disso). Na real que se for por esse lado, o hip hop me ensinou justamente o oposto: nunca traia ou dispare contra quem tá na merda contigo, nem ao menos aponte a arma contra um dos teus. Mas não é desse amor que eu quero falar, esse eu não prestei muita atenção - deve ter sido uma daquelas aulas em que acabei dormindo.

O hip hop, principalmente o rap, me ensinou que pra pensar nos outros, é preciso pensar em si também. Sabe aquela do Djonga: “quando eu falo do Djonga, eu tô falando d’ocê”? É exatamente isso! Como que eu vou falar com carinho com o outro mano, como eu vou falar com carinho sobre o outro mano se eu não consigo fazer isso comigo? No fim das contas, isso é o amor.

Depois de ouvir muita gente, sobretudo o Emicida nessas mais novas, o Djonga quando fala com os filhos dele, meu amigo Hércules Marques com suas

poesias que me mostram um caminho de volta pra casa e o Renato Nogueira que vale a pena tu ir atrás, mesmo que ele não faça rap, eu comecei a entender um pouco sobre a outra faceta do amor - que eu também não prestei muita atenção, mas tô correndo atrás do prejuízo.

Amor, pelo o que eu escutei do Renato Nogueira, é entender que tu não pode fazer tudo sozinho. Amar exige apoiar e ser apoiado. Ou seja, amor é comunidade.

Orunmilá, o grande adivinho para os iorubás, diz que amar é buscar saber quem somos. Eu já disse, mas eu gosto de repetir: pra saber quem somos, temos que saber de onde viemos.

Eu entendi que o amor é o mais profundo axé! O amor é conexão ancestral; é espiritual, tão carnal quanto angelical - já diria Emicida.

Amor é atenção e, portanto, é escutar - tipo eu com o rap! Quem tu escuta e quem te escuta?

Dizem que amar é contar histórias, então deixa eu te contar um ìtàn que eu escutei do Marcelo D2:

Os mais velhos dizem que um dia, cansado da solidão do poder, Zambiapungo, o ser supremo dos cultos angolo-congoleses, foi tomado pela tristeza e cogitou desistir da criação do mundo. Os inquices, seus filhos, resolveram alegrá-lo para que a criação não fosse interrompida.

Katendê, o senhor da medicina da floresta, macerou as folhas e preparou um banho para refrescar Zambi. Zaratempo criou as estações do ano - o calor do verão, os dias amenos do outono, o frio do inverno e as floradas da primavera. Matamba, a dona do balé espantoso dos relâmpagos, foi a próxima a tentar alegrar o pai maior.

Vunji trouxe as crianças que começaram a dar cambalhotas e a subir nas árvores.

Angorô inventou o arco-íris depois da chuvarada. Gongobira coloriu os rios com peixes coloridos. Dandalunda mostrou a força das cachoeiras. Mutalambô caçou um pássaro gigante com a sua destreza de flecheiro. Nkosi forjou ferramentas diversas.

Lembarenganga preparou um cortejo de pombas, cabras e caramujos.

Zambi agradeceu o esforço dos inquices, mas continuou triste.

Finalmente restava Zazi, o senhor do fogo. Saberá ele de alguma coisa que pudesse acabar com o banzo do pai? Zazi consultou o oráculo para saber como alegrar Zambi.

Seguindo as ordens do adivinho, sacrificou um bode branco, retirou a pele do bicho e repartiu a carne entre os iníquos. Em seguida, usou o fogo para tornar oco o pedaço de um tronco seco da floresta. Sobre uma das extremidades do tronco, Zazi esticou o couro do animal e inventou Ng'oma - o primeiro tambor.

Zazi começou a percutir o couro com toda a força e destreza. Aluvaiá, aquele que os iorubás conheciam como Exu e os fons como Legbá, gingou ao som do tambor de Zazi. Em seguida, todos os deuses do Congo, ao batuque sincopado do Ng'oma, fizeram a primeira festa na manhã do mundo.

Zambiapungo alegrou-se com o fuzuê. Deu a Zazi o título de Xicarangomo, expressão oriunda do quicongo nsika e Ng'oma - o tocador de tambor, e anunciou que a criação não iria parar! Que viessem crianças, mulheres e homens para escutar ng'oma, cantar, dançar e alegrar a vida! É por isso que os bacongos dizem que Ng'oma, o tambor, será o pai de todos os que transgridem a dor em desafios de festa e liberdade.

Quem quiser que sua caminhada seja prazerosa tem de tentar alcançar a harmonia de seu ori, de sua cabeça, e a única maneira de se fazer isso é por meio do amor. Meu mano, o amor é a possibilidade de desfazer o pacto de dor herdado pela escravidão.

Eu disse mais cedo. Tudo o que é nosso veio de antes (muito antes!) da escravidão - e é tudo nosso! Já diria Djonga: **O MUNDO É NOSSO!**

Quando a gente tinha as pirâmides, onde que os brancos tavam? Agora eles querem encher o peito pra dizer que o que sempre foi nosso, pra dizer que o que a gente criou é deles? Ou ainda querem dizer que eles fazem melhor do que a gente? Nós descendemos do povo que criou a matemática, a filosofia, a medicina... até mesmo daqueles que criaram a sociedade.

Aí chegou uma galera na África, viu tudo o que a gente tinha, ficou puto porque eles não tinham aquilo, nos sequestraram, nos levaram pro outro lado do



mundo (esse lado que a gente tá hoje), pra uma terra que eles só acharam porque são burros e se perderam durante a navegação e só então eles aprenderam, com os povos que estavam por aqui, a tomar banho...

É essa galera que nos chama de burros na escola. Eles não querem que saibamos da nossa grandeza. Isso gera lucros pra eles.

Tudo o que é nosso vem de antes da escravidão. Tirando o desejo (ó, mais um) de brancura... mas isso não é nosso, foi nos dado e temos que nos livrar dessa parada aí, tipo a raiva em alguns pontos.

Não espere que a escola te ensine de onde viemos, quem realmente éramos e tudo o que já fizemos. Não foi pra isso que ela foi criada.

Também não conte com a sorte de aprender na rua. Ou aprender quem foi determinada pessoa, que nem aconteceu comigo quando eu escutei um som do Coruja BC1 e aprendi quem foi Huey Newton e o mesmo aconteceu quando escutei Racionais e aprendi quem foi Marighella. Estude!

Uma hora dessas, eu juro que te conto essas coisas. Mas essa conversa era outra, maninho!

Segue os conselhos que eu recebi do Sant numa outra conversa que tive com ele (Thiago Elñino tava nessa conversa aí também): “estude criança preta”. Eu lembro desse papo como se fosse ontem. “Não deixe te confundir, não deixe de conflitar, não deixe de combater, não deixe de moderar, não deixem te embranquecer, nem ao menos de morenar”.

Acredite na tua potência, pois o Estado não vai promover teu bem-estar.

Mano, apesar desse papo sobre amor, que é muito importante! (tanto quanto biologia, matemática, português e outras coisas importantes que, talvez, tu ainda não veja essas coisas como coisas que merecem uma atenção especial - ainda espero que eu esteja errado sobre isso), não te esquece sobre as paradas que a gente conversou antes. A gente sente raiva e tá tudo bem sentir raiva. Não só tá tudo bem como ela tem uma função pra nós, pessoas pretas. Pensa comigo, ó o tanto de merda que acontece com a gente diariamente - seja em casa, na escola, na rua, na vida, no amor (aquele amor lá tipo o da Beyoncé e Jay-Z e da Rihanna com o Drake). A raiva é o que nos faz não enlouquecer, mesmo que a gente entenda que a raiva não é uma parada nossa, que botaram na gente e que ela nos faz mal. Em

contrapartida, Thiago Elniño fala numa música que é pra não deixar o ódio o consumir que ele transforma em arte o amor que muitos vêem como uma espécie de agressão. A ideia de bem e mal é complicada, mas a questão não é essa (pelo menos não agora). Baco (logo menos te apresento ele com mais calma) falou pra mim um tempo atrás que nossa existência é heresia e acho que serve como chave pra fechar - ou abrir - a nossa conversa por aqui.

No mais é isso... te olha no espelho (com carinho) e entenda que no fundo da tua rotina é amor e ódio, que nem cantou Djonga em **geminiano**. Entenda que se Deus é amor e nós sentimos raiva, a gente não pode ser esse deus; caso contrário é **heresia** com nós mesmos. A escola não vai te ensinar tudo o que tu precisar saber, assim como a rua não vai ter paciência de te ensinar o que tu quer aprender; muitas visões que nos passam são só **verdades inventadas**, tipo dizer que a nossa história começou na escravidão, sendo que nós somos o berço da civilização. Crescer em terreno hostil, num Estado que nos odeia, nos colocando em um lugar que não nos pertence, num lugar que não cabemos é o que nos fez fechar o corpo, fechar a cara e transformar nosso coração calorento em um pedaço de gelo como se morássemos na Groenlândia e fossemos **esquimós**. Contrariando o que o Djonga diz: hoje somos choro, mas te prometo que amanhã seremos sorriso. Te permite sentir, seja raiva, seja amor, seja o que for, não tem nada de errado nisso; ainda somos humanos, de carne e osso, não deuses ou **fantasmas**. Não te esquece, somos **irmãos de arma, irmãos de luta!** Seguimos no **corre das notas** pra que no natal a gente possa remontar a mesa da **santa ceia**. Mesmo estando entre o **código da espada e o perfume da rosa**, entre o sucesso e a lama, é tudo nosso, fé pra tudo e é aquilo que já falei antes: **o mundo é nosso!**

## ÈSÚ

E aí, reizinho! Como estamos? Caraca, a gente já gastou bastante saliva, né? Tá pronto pra mais um papo? Esse vai ser mais suave do que os últimos (eu espero).

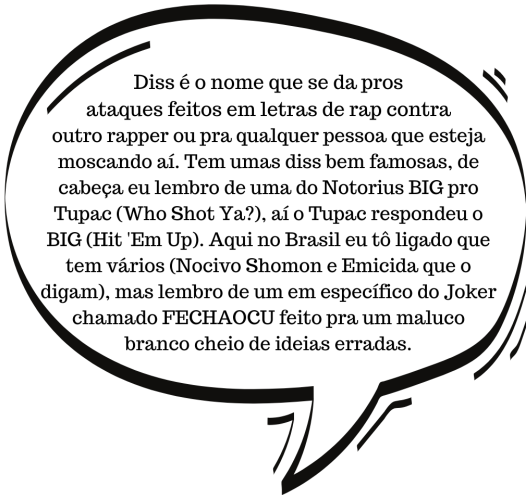
Mano, a última vez que a gente se falou, bem no finalzinho do nosso papo, eu disse que se deus é amor e nós sentimos raiva, a gente não pode ser esse deus, caso contrário é heresia com nós mesmos. Eu queria seguir por aí.

Eu queria seguir por aí, mas não agora. Tem coisas que eu fiquei te devendo e pode ser que agora seja o momento perfeito. Não é porque temos pouco tempo pra conversar que não podemos aproveitar o nosso tempo da melhor forma possível. Quem respeita o tempo, recebe o melhor que o tempo tem. Inclusive!, eu tinha te pedido pra tu me cobrar sobre o tempo. Eu tô te devendo um mundo e acho que não vou conseguir pagar uma ou outra dívida, uma ou outra gbèsè... desculpa.

[Outra coisa, tu te lembra que eu falei que quem ama  
conta histórias? Acho que agora eu vou provar o  
tamanho do meu amor por ti, maninho.]

Eu queria começar de um jeito diferente essa conversa, queria te apresentar o Baco Exu do Blues e falar um pouco sobre ele contigo.

Mano, se tu não conhece o Baco, ele é um rapper baiano. Acho que ele é um pouco mais velho que eu - acho que o Djonga também é pouca coisa mais velha do que eu. Lembro que eu conheci ele depois que ele e o Diomedes Chinaski (esse mano é outro que eu tu tem que ir atrás!) soltaram o Sulicídio. Meu mano, foi um choque pro rap nacional. Eram esses dois manos puxando briga com metade do dos rappers do eixo RJ-SP e esses rappers do eixo se morderam bonito, tá ligado? É inegável que essa diss foi um



Diss é o nome que se da pros ataques feitos em letras de rap contra outro rapper ou pra qualquer pessoa que esteja moscando aí. Tem umas diss bem famosas, de cabeça eu lembro de uma do Notorius BIG pro Tupac (Who Shot Ya?), aí o Tupac respondeu o BIG (Hit 'Em Up). Aqui no Brasil eu tô ligado que tem vários (Nocivo Shomon e Emicida que o digam), mas lembro de um em específico do Joker chamado FECHAOCU feito pra um maluco branco cheio de ideias erradas.

marco. Se a gente conta a passagem dos anos do nosso mundo com Antes e Depois de Cristo, o rap ganhou uma nova contagem - Antes e Depois de Sulicídio. A partir desse som eu fui buscando outros sons deles (tanto os sons que vieram depois quanto os que vieram antes). No Chinaski eu pirei o cabeção, esse mano tem uma BIC que não acaba tinta, parecia que toda semana ele lançava umas três músicas novas (isso me lembra até o Raffa Moreira, que é outro mano que tu tem que conhecer). Mas não pirei só pela frequência que ele escrevia e soltava música, mas pela quantidade de trabalhos complexos e grandes que ele tem, trabalhos-discos muito bem trabalhados, muito sensíveis tipo Carta para Tyler, The Creator (uma das minhas músicas favoritas).

[Sensibilidade é uma coisa que eu aprendi com o meu vô,  
com o meu pai, com o meu tio, mas o rap me lembrava  
diariamente disso. Acho que é por isso que eu falo tanto  
sobre meus pontos fracos nas minhas poesias,  
porque é isso que me faz humano, é a sensibilidade  
que me torna humano, que nos torna humanos.]

Pô, maninho, eu escutei Réquiem, O Aprendiz, Ouroboros (guarda esse nome), Comunista Rico, Crocodiloboy, Ressentimentos II e Ressentimentos III várias e várias e várias vezes (acabei de descobrir Coração Partido Vol. 1, A Vida Ainda Pode Ser Bela e Oficial Onoda que passaram batidos por mim). Esse mano é precioso demais, líricista nato.

O Baco? O Baco tem um charme, mano. Um deles é o que me fez prestar atenção no Djonga lá em 2000 e alguma coisa quando ele tava num cypher com o bloco 7: os gritos. Tu consegue gritar? Eu acho que o grito tem uma ligação com aquela parada de raiva, saca?, mas tá pra além dela. Gritar é, necessariamente (pelo menos eu acho), se fazer ouvir ou, no mínimo, o desejo em alguma instância de ser ouvido.

A gente tem muito esse teto, né?

Querer ser visto.

Querer ser ouvido.

Querer ser lembrado.

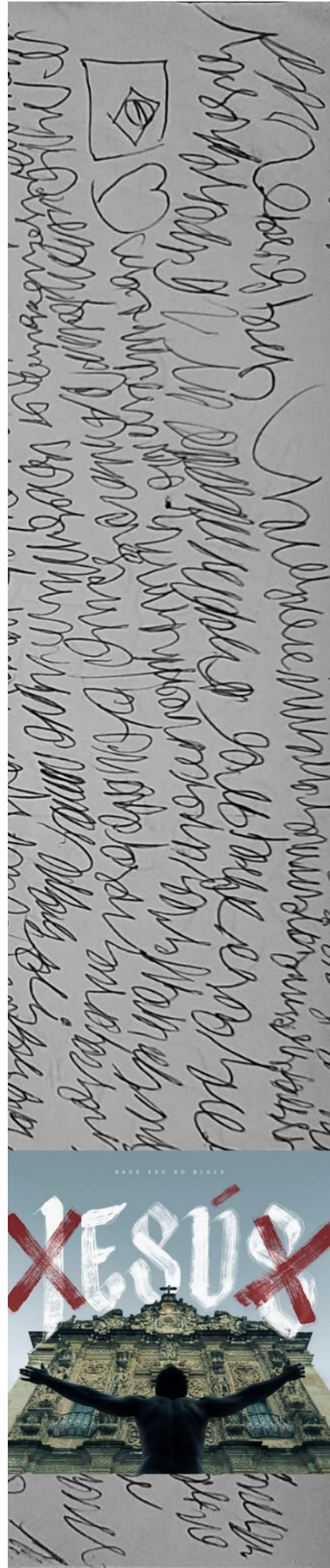
(Mais três desejos).

Tem até aquele ditado: quem não é visto não é lembrado. Eu não quero ser esquecido. Que lembrem de mim da maneira que for, mas que não me esqueçam. Isso me lembrou outro papo, a gente pode conversar hoje ainda, mas não agora (vou acabar me embolando nos assuntos) que são as pixações.

Com Baco, assim como foi com o Chinaski, eu também fui conhecer outros trabalhos dele, mas acho que não fiz essa retomada de escutar trabalhos anteriores ao Sulicídio (na real, nem sei se tinha). Ouvei alguns singles, mas o que me pegou mesmo foi **Esú!** Meu mano! Não sei se tu já escutou, mas é um trampo cheio de dualidades, cheio de contrastes. Ele é completo em si mesmo, seja lá o que isso signifique. Nenhuma faixa conversa apenas consigo, sempre tem uma resposta.

Enquanto **En tu mira** fala sobre desespero, **Esú** trata sobre autoafirmação; se **Oração à vitória** diz de um empoderamento pós-triunfo, **Senhor do Bonfim** diz de uma degradação pós-depressão pós-triunfo; **A pele que habito** é sobre afetos e **Te amo, desgraça** é sobre desafetos. Onde há amor, também há dor, porque isso é complexo e nós somos complexos. **Esú** não é um álbum pra ser entendido, ainda que dê para ser. É pra ser sentido, experienciado - e só depois disso, caso tu ainda queira, pode ser compreendido.

Essas dualidades ultrapassam as músicas. A capa mostra isso também. Se tu olhar, é um mano preto na frente de uma igreja de braços abertos olhando pro céu. Aí, em cima dessa igreja, tá pixado JESUS, mas a primeira e a última letra tão riscadas, deixando em evidência uma outra divindade: ÈSÚ (a gente vai falar mais sobre ele, relaxa).



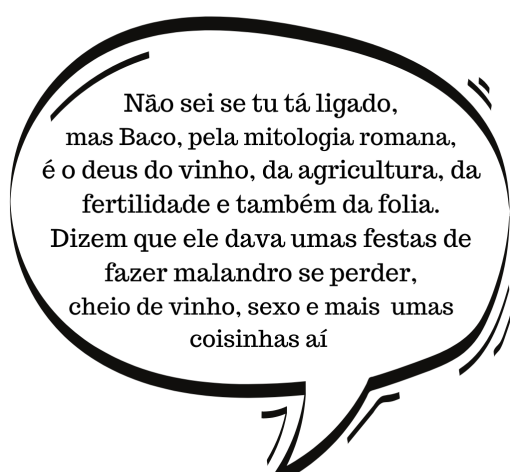
Esú é um bloco de sensações e, pra mim, é o melhor trabalho do Baco.

Depois de Esú, em 2018, ouvi Bluesman. Eu estranhei muito esse álbum (ainda estranho, tanto que eu pouco escuto ele). O Baco tava gritando menos e eu ainda não tava pronto pra parar de gritar, recém tava aprendendo. Isso não significa que não me tocou, muito pelo contrário. Mas me tocou de um jeito que eu ainda não queria. Eu queria gritar!, e não falar baixinho. Eu queria olhar pro mundo (assim como queria que o mundo olhasse pra mim), mas não queria olhar pra dentro de mim, entende o que eu tô falando?

Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos  
O primeiro ritmo que tornou pretos livres  
Anel no dedo em cada um dos cinco  
Vento na minha cara, eu me sinto vivo  
A partir de agora considero tudo blues  
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues  
O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues  
Tudo que quando era preto era do demônio  
E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues  
É isso, entenda! Jesus é Blues

Depois de Bluesman teve um EP. Mas aí veio o grande Quantas vezes você já foi amado? (QVVJFA?). Esse eu gostei - menos que o primeiro, mais do que o segundo -, mas o curioso é que ele grita muito menos do que no segundo, motivo pelo qual me gerou estranheza. Acho que eu tô crescendo, ficando adulto, mais maduro. Talvez por isso que eu tenha tratado a raiva na nossa outra conversa da maneira que eu tratei. Poderia ter tratado melhor? Poderia (e muito), mas ainda não consigo, mas, em outro momento, eu te garanto que seria muito pior. É, acho que eu cresci, fiquei adulto, amadureci, mas ainda não sei bem o que é isso.

QVVJFA? é interessante (desculpa não sair ainda do tema raiva, tinha te dito que eu ia



Não sei se tu tá ligado,  
mas Baco, pela mitologia romana,  
é o deus do vinho, da agricultura, da  
fertilidade e também da folia.  
Dizem que ele dava umas festas de  
fazer malandro se perder,  
cheio de vinho, sexo e mais umas  
coisinhas aí

mostrar meu amor por ti, né?, mas eu vou), o Baco amadureceu mais do que eu. Mesmo que ele carregue o nome de dois santos no seu vulgo, ele tá mostrando todo o seu lado humano. Na real que ele sempre mostrou, talvez eu que não tinha capacidade pra entender, tipo... a minha atenção tava em outro lugar, mesmo que alguma dessas paradas estivessem escancaradas na minha cara, saca? Tudo bem que tem umas que não eram tão óbvias, mas mesmo assim não foram poucas vezes. Mas não posso me julgar. Tô tentando me cobrar menos.

Por que grita tanto?

Deuses tão dormindo, vão acabar acordando

“Por que você fala tanto de deus?”

É porque eu sou humano

Sinto que os deuses têm medo de mim

Metade homem, metade deus

E os dois sentem medo de mim

Me desculpa Jay-Z

Queria ser você

Minha vida tá chata

Quero enriquecer

O Baco fala muito sobre ser humano, mas fala muito - tipo muito mesmo - mais sobre ser deus. Não sobre querer ser deus, como é o caso do Djonga e do Emicida. O Baco é! Até lembrei de uma conversa que eu tive com um professor meu, o José Damico, quando eu contei da ideia que eu tive de conversa contigo (essa que a gente tá tendo agora) sobre pensar em deuses já que a gente perdeu um referencial na conversa anterior e ele me disse que, assim como o Baco me falou inúmeras vezes, a gente já é - esse ser completo?, esse deus? - e que a cura vinha dessa direção.

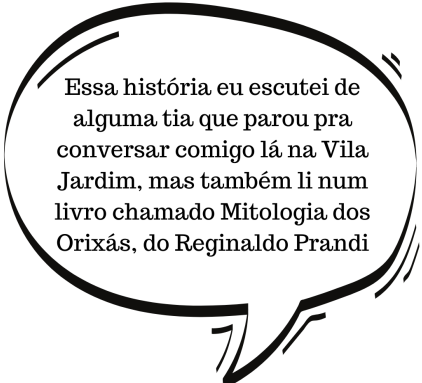
A gente já é um ser completo, então por que queremos tanto ser deus?

Eu já disse, porque poderíamos acessar um outro espaço que nessa condição de sub-humanidade não nos é possibilitada. Tudo bem, eu disse, mas tá incompleto... Emicida nos ajudou muito a chegar até aqui, mas, como diz um ditado africano, dificilmente uma criança preta é criada por uma única mãe - nós precisamos de uma comunidade. Pra completar essa resposta, que nem é tão difícil de ser completada, a gente precisa do Baco. E ele diz assim:

Ela fez carinho nas cicatrizes  
Da sobancelha e dos dedos  
Disse que sou um preto divino  
E humanos nunca matam deuses

Humanos nunca matam deuses, meu mano. Sepa que eu já tinha te respondido isso lá quando a gente se conheceu e eu te trouxe aquele dado de que a cada 23 minutos morre um jovem preto no Brasil, mas talvez tenha ficado um pouco no ar. Mas agora não, tá aí ó, no teu colo.

Engraçado pensar isso (não sei bem se engraçado é a palavra). Achar que sendo deus a gente não morre... Tem uma história, um itàn [olha aí, te falei que ia te mostrar meu amor por ti, maninho], chamado Èsú leva aos homens o oráculo de Ifá, que fala assim:



Essa história eu escutei de alguma tia que parou pra conversar comigo lá na Vila Jardim, mas também li num livro chamado Mitologia dos Orixás, do Reginaldo Prandi

Em épocas remotas os deuses passaram fome.  
Às vezes, por longos períodos,  
eles não recebiam bastante comida  
de seus filhos que viviam na Terra.  
Os deuses cada vez mais se indispunham uns com os outros  
e lutavam entre si guerras assombrosas.  
Os descendentes dos deuses não pensavam mais neles  
e os deuses se perguntavam o que poderiam fazer.  
Como ser novamente alimentados pelos homens?  
Os homens não faziam mais oferendas e os deuses tinham fome.  
Sem a proteção dos deuses, a desgraça tinha se abatido sobre a Terra



e os homens viviam doentes.

Um dia Èsú pegou a estrada e foi em busca de solução.

Èsú foi até Iyemonja em busca de algo  
que pudesse recuperar a boa vontade dos homens.

Iyemonja lhe disse:

“Nada conseguirás,  
Xapanã [Obaluaiyê] já tentou afligir os homens com doenças,  
mas eles não vieram lhe oferecer sacrifícios”.

Iyemonja disse:

“Èsú matará todos os homens,  
mas eles não lhe darão o que comer.  
Sangô já lançou muitos raios e já matou muitos homens,  
mas eles nem se preocupam com ele.

Então é melhor que procures solução noutra direção.

Os homens não têm medo de morrer.

Em vez de ameaçá-los com a morte,  
mostra a eles alguma coisa que seja tão boa  
que eles sintam vontade de tê-la.

E que, para tanto, desejem continuar vivos”.

Èsú retornou o seu caminho e foi procurar Orungan.

Orungan lhe disse;

“Eu sei por que vieste.

Os dezesseis deuses tem fome.

É preciso dar aos homens  
alguma coisa que eles gostem,  
alguma coisa que os satisfaça.

Eu conheço algo que pode fazer isso.

É uma grande coisa que é feita com dezesseis caroços de dendê.

Arranja os cocos da palmeira e entenda seu significado.

Assim poderás reconquistar os homens”.

Èsú foi ao local onde havia palmeiras  
e conseguiu ganhar dos macacos dezesseis cocos.

Èsú pensou e pensou, mas não atinava  
no que fazer com eles.  
Os macacos então lhe disseram;  
“Èsú não sabes o que fazer  
com os dezesseis cocos de palmeira?  
Vai andando pelo mundo  
e em cada lugar pergunta  
o que significam esses cocos de palmeira.  
Deves ir a dezesseis lugares para saber o que significam  
esses cocos de palmeira.  
Em cada um desses lugares recolherás dezesseis odus.  
Recolherás dezesseis histórias, dezesseis oráculos.  
Cada história tem sua sabedoria,  
conselhos que podem ajudar os homens.  
Vai juntando os odus  
e ao final de um ano terás aprendido o suficiente.  
Aprenderás dezesseis vezes, dezesseis odus.  
Então volta para onde vivem os deuses.  
Ensina os homens o que terás aprendido  
e os homens irão cuidar de Èsú de novo”.

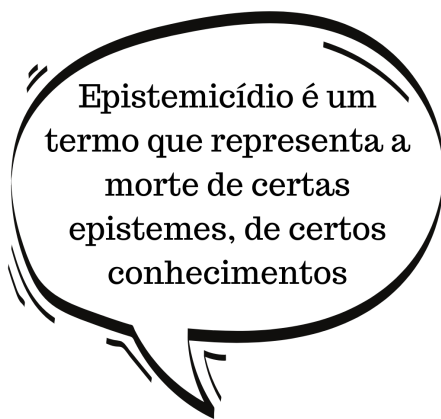
Èsú fez o que lhe foi dito e retornou ao Òrun, o Céu dos orixás.  
Èsú mostrou aos deuses os odus que havia aprendido  
e os deuses disseram:  
“Isso é muito bom”.

Os deuses, então, ensinaram o novo saber  
aos seus descendentes, os homens.  
Os homens então puderam saber todos os dias  
os desígnios dos deuses e os acontecimentos do porvir.  
Quando jogavam os dezesseis cocos de dendê  
e interpretavam o odu que eles indicavam,  
sabiam da grande quantidade de mal  
que havia no futuro.  
Eles aprenderam a fazer sacrifícios aos Òrisás  
para afastar os males que os ameaçavam.

Eles recomeçaram a sacrificar animais e a cozinhar suas carnes para os deuses. Os Òrisás estavam satisfeitos e felizes. Foi assim que Èsú trouxe aos homens o Ifá.

Tu viu só? Esse ìtàn mostra aquilo que eu te falei: a escola não é o único lugar de ensinamentos. Èsú visitou 16 lugares e em cada lugar aprendeu 16 histórias. Esse não é o único ìtàn que mostra o valor de se aprender e ensinar. Tem um que fala como Èsú ganhou o poder sobre as encruzilhadas - nesse, ele fica 16 anos ao lado de Òsàálá aprendendo tudo o que o velho tinha pra ensinar -, tem outro que mostra como Ògún ensinou Èsú a trabalhar e, assim, todos dependiam de Èsú pra alguma coisa. Esses ìtàn que mostram o valor de se ensinar e aprender não cabe só a Èsú, tem, por exemplo, Ògún que, além de ensinar Èsú a trabalhar, ensinou Òsòsì a arte de caçar e aos homens as artes da agricultura.

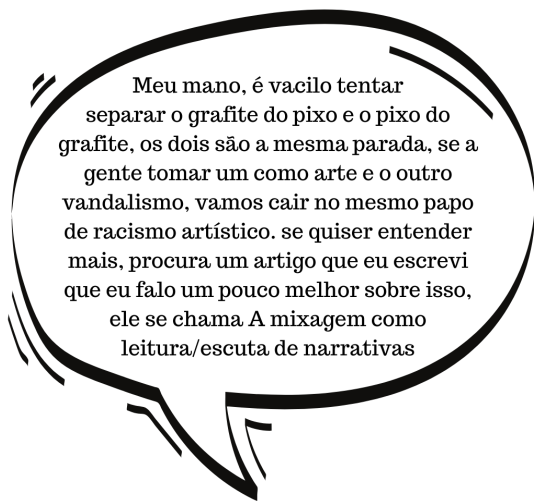
Aproveitando que a gente tocou nesse assunto de arte! Por mais que eu quisesse falar sobre outras coisas contigo - e acho que eu consegui em alguns momentos -, boa parte das nossas conversas foi marcada pela presença do racismo. Queria te apresentar outro racismo pra tu ficar ligeiro quando crescer - é só através do conhecimento que a gente consegue combater essas paradas, mano. Tu



te lembra quando eu te apresentei a Isildinha e te falei que a brancura se torna parâmetro de pureza artística(!), racionalidade e sabedoria científica (daí o termo pensado por Sueli Carneiro: epistemicídio), né? Pois então, é aí na pureza artística que eu quero entrar. Sei que já mencionei isso antes, mas quero ir um pouquinho mais fundo.

Pra dar uma luz aqui, vou falar de um mano que já falei antes também, o Jean-Michel Basquiat.

Basquiat era um artista nova-iorquino. Ele era um pixador. Um dia ele conheceu um cara que era bem influente no mundo das artes, o Andy Warhol (pintor e cineasta estadunidense). Apesar dele deixar de pintar paredes pra pintar telas, os desenhos permaneceram os mesmos. Mas tinha uma pequena diferença: agora ele não era mais um pixador, era neo-expressionista (uma das vanguardas europeias).



Meu mano, é vacilo tentar separar o grafite do pixo e o pixo do grafite, os dois são a mesma parada, se a gente tomar um como arte e o outro vandalismo, vamos cair no mesmo papo de racismo artístico. se quiser entender mais, procura um artigo que eu escrevi que eu falo um pouco melhor sobre isso, ele se chama A mixagem como leitura/escuta de narrativas

Grafite/pixo é um dos quatro pilares da cultura Hip Hop (ao lado do mestre de cerimônia, mais conhecido como MC, do DJ e do b-boy e b-girl); o bagulho é em sua essência preto, assim como toda a cultura. No momento em que essa arte é aceita pelo grande público (pelos brancos) e trocam o movimento artístico a qual pertence - afinal, se entende que a arte negra não é arte - a pureza artística branca é novamente evidenciada e enaltecida.



Imagem 1: Basquiat pixando uma parede em Nova Iorque  
Fonte: Sutori, 1978.



Imagem 2: Anthony Clark  
Fonte: Sohu, 2018

Quase a mesma parada acontece com o Pablo Picasso (tô ligado que já falei dele também). Picasso se inspirou em máscaras africanas pra desenvolver o cubismo. Vamo de novo; o cubismo, movimento artístico europeu que se inspirou em artes africanas é valorizada e tomada como arte, enquanto essa mesma arte africana está abaixo dela. Meu mano, se a gente brincasse de Killmonger (aquele personagem de Pantera Negra) e pegasse todas as nossas artes que estão em museus europeus (nem tô me referindo às artes que foram inspiradas em artes africanas), eles iam ficar vazios... tão brancos e esvaziados de sentidos quanto [não vou citar ninguém pra não complicar meu lado, mas sei que tu consegue pensar em

alguém]. Só não roubaram as pirâmides da gente, porque eram grandes e pesadas demais pra eles carregarem.



Imagem 3: Máscara africana  
Fonte: OSWALD, artes plásticas, 2012.



Imagem 4: Woman with arms leves (head of Dora Maar)  
Fonte: The painter's keys, 2018.

Basquiat me encanta demais, meu mano, tanto que eu tenho ele tatuado no meu antebraço. Não sei como eu conheci ele, mas fico feliz que isso tenha acontecido. Aprendi muito com ele. Uma delas foi sobre Èsú (que é nome de um quadro dele), outra foi sobre um elemento muito importante pra África: os griôs (nome de uma outra obra dele).



Imagem 5: Exu  
Fonte: Art.Base, 2015.



Imagem 6: Gold Griot  
Fonte: The Broad, 1984.

Acho que eu comentei isso contigo, eu escrevi um artigo sobre... não sei como explicar isso rapidamente na real... é um artigo sobre narrativas e lá eu falo (e escuto) sobre narrativas que não são verbalizadas, tá ligado? Eu falo sobre pixo. E em um momento eu trago o Basquiat pra conversa e, com ele, os griôs. Eu não vou te fazer ir até lá pra ver isso, tô ligado que é uma mão.

Um griot é um contador de histórias da África Ocidental. É o responsável pela transmissão oral da cultura de um povo e seus valores morais construídos com o tempo. Há várias modalidades de griots: os instrumentistas, os cantores, os animadores, os poetas, os artistas ou mesmo os anciãos detentores de histórias que passam geracionalmente pela oralidade. Mesmo os babalorixás e as ialorixás, conhecidos também como pais e mães de santo, ou demais instituições de contadores de histórias, tem por objetivo manter viva a tradição da oralidade africana, como os ditados populares.

Nossa forma de passar o nosso conhecimento através das gerações é através da fala, através de histórias, através de amor. Amar é um ato político. Tudo o que a gente faz é político. A gente tá onde a gente tá é um ato político. O fato de eu estar aqui, conversando contigo, é um ato político. Eu estar conversando contigo da forma que eu tô conversando contigo é um ato político. Contar histórias é um ato político.

Me empolguei um pouco, mas voltando ao que eu tava dizendo: o bagulho é aprender, meu mano. Seja na escola, no terreiro, na Vila Jardim com uma tiazinha que tá passando e te puxa pra conversar ou em outros 13 possíveis lugares, incluindo um livro, tipo esse do Reginaldo Prandi. O bagulho é aprender, não importa quanto tempo leve; que seja um ano ou dezesseis anos (curioso como se repete o número 16, né?).

Te lembra do Baco? Do grito? Não a pintura, o ato de gritar. Então, meu rei, uma parada que ele gritou algumas vezes e me chamou atenção que é: EU SOU ÈSÚ! Tu tá entendendo? É aquilo o que eu te falei, ele não quer ser, ele é. Ele não

questiona, ele afirma. Se afirma enquanto deus, mas mais do que isso, se afirma como Èsú. E aí tem dois caminhos - sempre há dois ou mais caminhos.

O primeiro caminho, que inevitavelmente vai nos levar pro segundo caminho, é o nome. Tu já parou pra pensar na importância de se nomear? Não só experiências, tipo dizer que tal situação foi racista ou tal mano é racista, mas poder se nomear. Ó o teto! Tem uma amiga chamada Aza Njeri, ela é professora na PUC Rio de filosofia e ela falou sobre isso comigo um tempo atrás. Eu não sei se eu entendi tudo o que ela me disse, não sei se eu deveria ter entendido tudo o que ela me disse (talvez sim), mas ela traz uma coisa experienciada por pessoas pretas nas Américas chamado Maafa que, pelo o que eu entendi, é tipo um holocausto, um grande desastre que começou lá quando nos sequestraram, lá na escravidão. Com esse processo de diáspora, a gente saiu de África sendo sujeitos africanos (deuses) e chegamos nas Américas como “sujeitos” negros. Pega a ideia aqui que isso é visão demais, ela diz que essa mudança de nome, essa mudança de adjetivo, que parece bem pequeno, bem insignificante se a gente olha de forma bruta, acarreta num apagamento de uma estrutura cultural, civilizacional negro-africano. Mas se a gente olha de forma sensível, dá pra ver que isso é um processo de desumanização imposto pelos brancos-europeus-colonizadores. Talvez aí que tenha começado o desejo de ser deus, numa tentativa de se encontrar, de achar África, de voltar pra casa?

Essa parada de voltar pra casa é complicado, porque a gente percebe que não estamos em casa. Não estar em casa é tipo ficar de favor por um tempo (tipo 500 e poucos anos) na casa de um amigo que com o passar do tempo, tu vai te ligando que ele não é tão amigo assim e só tá suave contigo lá porque tu lava uma louça, passa um pano na casa, lava a roupa e faz mais umas paradas que ele se recusa a fazer. Perceber que tu não tá em casa implica em perceber que teve um rompimento com teus laços fraternos, com teus laços paternos e com teus laços maternos - tu tá uma cota longe da tua mãe, meu mano, tá uma cota sem carinho real. Perceber que tu não tá em casa é perceber que, além de todos esses rompimentos, teve mais um tão importante quanto: teve um rompimento violentíssimo com o laço civilizatório. Em outras palavras, todos os teus conjuntos de crenças e valores são colocados no lixo. Nisso a gente perde o nome, de forma literal e simbólica. O nome em África tem significados, seja uma características que os pais ou a comunidade gostaria que essa criança desenvolva, seja um desejo de

destino ou referenciar alguma pessoa, algum herói, algum parente, algum ancestral, dia da semana ou lugar que essa criança nasceu. Mas com esse corte, deixa-se de (a)creditar, afinal se perde o motivo de nomeação de um indivíduo, na real que se troca o eixo civilizatório africano pelo europeu. O nome da uma localização racial e espiritual pro sujeito, não por menos que o Malcolm X é Malcolm X, que o Muhammad Ali é Muhammad Ali, que a Aza Njeri é Aza Njeri, que o Baco é Exu (do Blues!) e que João Pedro virou Jango.

Aí a gente chega no segundo caminho. Quando eu disse que a gente não pode ser deus, eu não quis dizer que devemos renegar esse desejo de ser deus. Ou talvez devêssemos... isso é tão cruel quanto ficar no posto de sub-humanidade. Mas eu me referia a não ser esse deus cristão. Tem uma outra deidade que eu falei bastante o nome dele aqui: Èsú.

Èsú é um dos Òrisás mais importantes, ele abre caminhos, ele é protetor, ele é o mensageiro. Sem Èsú, não há comunicação. Não há vida, não há ààyè.

Èsú aprende e ensina. Èsú ajuda quem o ajuda. Èsú leva dois amigos a uma luta de morte caso seja desrespeitado. Entenda que Èsú não é bom nem mau, eu não sou e tu também não é. A gente é complexo demais pra isso e Èsú é mais complexo que a gente. Èsú é e não é, Èsú tá e não tá. Quando eu era menor, eu costumava brincar mais, tu brinca mais do que, mas Èsú brinca mais do que a brincadeira. Melhor do que eu tentar explicar, deixa a Serena Assumpção falar:

Exu é o começo, atravessa o avesso

Exu é o travesso, que traça o final

Exu é o pau, no caule que sobe

O caminho de além do bem e mal

Dito pelo não dito

Odara é bonito se a água não acaba

Elegbara elegante no falo que baba

Exu é quem cruza e descruza o amor

Bará não tem cor

Estará onde quer que qualquer corpo for

Pra todo trabalho, é o laço e o atalho

É o braço e a mão, do falho e do justo

Exu é o custo do movimento, o tormento do ser



Èsú é a nossa cara, somos a cara de Èsú - que nem a gente era a cara de Jesus, mas embranqueceram ele... Jesus perdeu suas raízes.

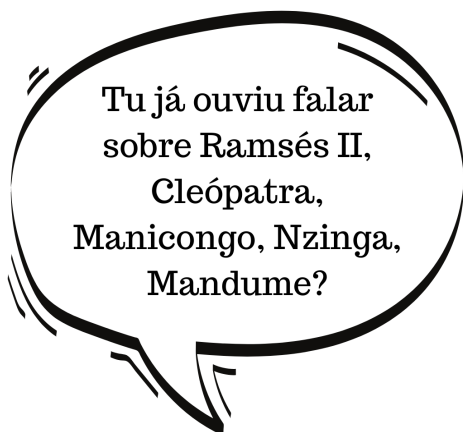
Jesus, eu espanquei Jesus  
Quando vi ele chorando, gritando, falando  
Que queria ser branco, alisar o cabelo  
E botar uma lente pra ficar igual  
A imagem que vocês criaram

Antes de ir embora (sim, eu preciso ir), eu tenho que te contar de onde a gente veio. Vou tentar ser rápido.

A gente veio de um lugar muito distante, do outro lado do Atlântico. Eu não conheço esse lugar e não conheço ninguém que tenha conhecido, só sei de algumas histórias. Eu sei que faz tempo que a gente saiu de lá (falar que saímos é complicado, parece que a gente teve a possibilidade de escolher; tá mais pra sequestro).

Aquele lugar se chama África. Eu desconfio que não seja a mesma África de hoje, acho que aquela já não existe mais. É muito esperançoso ou inocência da minha parte achar que ainda tem alguém me esperando lá em casa pra deixar meu quarto do jeitinho que tava quando eu fui embora?

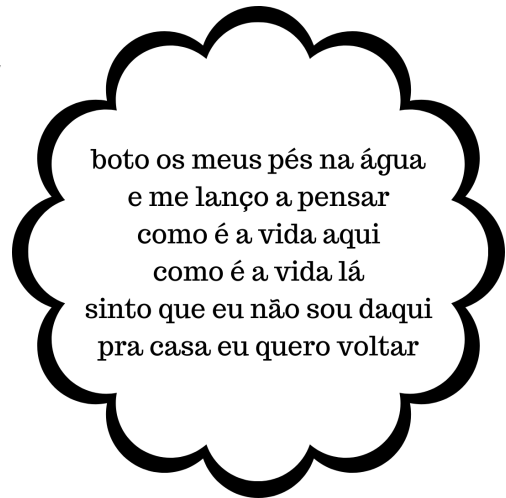
Eu sei que vim de lá pequenininho. Maninho, uma das únicas coisas que eu sei é que eu vim de lá pequenininho e que no meio dessa vinda pra cá, pra América, me falaram pra pisar nesse chão devagarinho (ou era devagarzinho?, não lembro).



Eu não sei exatamente de que lugar de África eu sou. Não sei se eu sou Malê, não sei se eu sou Bantu, não sei se eu sou Nagô. Destruíram completamente qualquer possibilidade que eu tinha de descobrir isso. Mas eu sei que eu descendo de um linhagem de grandes reis e rainhas, ou de grandes comerciantes, ou de grandes pensadores, ou de grandes guerreiros, ou de grandes contadores de histórias, ou de grandes engenheiros, ou de grandes curandeiras, ou de

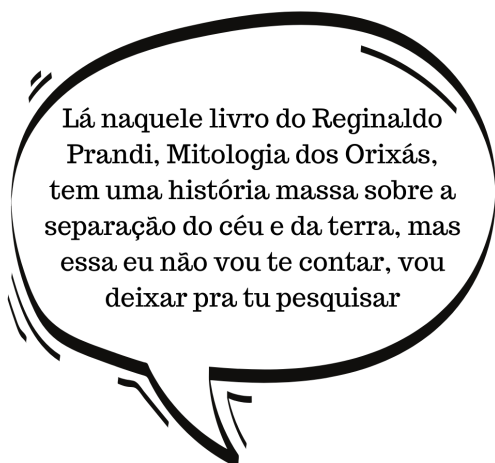
grandes parteiras, ou de grandes sei lá mais o que. Só que, independente de qual linhagem que tenha descendido, que nós tenhamos descendido, nós somos grandes e temos que fazer por onde, meu mano.

Eu não sei se um dia, em vida, vou poder conhecer de onde eu vim, mas eu sinto (assim como o Thiago Elniño também sentiu) que o mais próximo de casa que eu estive foi o mar. Isso que eu tenho medo do mar - é que eu nunca aprendi a nadar. Mas Maria Bethânia, quando eu morrer, voltarei pra buscar os instantes que não vivi junto do mar.



Eu não queria ter que desejar ser algo maior do que eu já sou. Não queria ter que desejar ser deus. Mas eu sei que o desejo, o ifé-okàn, é importante. Nosso poder, a nossa força tá na nossa capacidade de desejar. Quando a gente não consegue mais desejar, criar, imaginar, é porque tem alguma coisa errada. É porque morremos ou estamos morrendo.

Eu não queria estar num lugar de sub-humanidade e nem num lugar de deus. Talvez a gente esteja procurando a nossa humanidade no lugar errado, que nem a gente tava procurando nossa deidade no lugar errado. Tem um ditado yorubá que diz que “somente nos tornamos verdadeiramente quem somos ao lançar nossos olhares sob os ombros daqueles que chegaram antes de nós; lembrar daqueles que vieram antes de nós é uma obrigação sagrada”. Talvez a gente tenha que voltar nossos olhares pra África, mano, aí sim a gente pode estar no lugar que o Zudzilla falou:



Entre o céu e a terra eu preciso estar onde os dois se encontrem.

Eu preciso ir, reizinho. Deixe-me ir, eu preciso andar... Não esquece de Sankofa, o pássaro que tem seu corpo voltado pra frente e a cabeça pra trás. A Aza disse que ele nos

ensina a buscar na experiência do ontem as raízes do hoje pra plantarmos um amanhã.

Reizinho, te encontro em casa! Te cuida!  
Muito amor por nós, todo amor pra nós!

Ni lfe pra nós

Mapenzi pra nós

Soyayya pra nós

Ihunanya pra nós

Ìfé pra nós



## CASTELOS & RUÍNAS

Meu mano, tô pra te falar que tava ansioso pra ter essa conversa! Acho que aqui vai ser a parte mais gostosinha de conversar, a parte mais leve, tá ligado? Eu não prometo que vai ser, mas vou tentar, eu juro! Que tal se a gente trocasse uma ideia sobre desenhos? É, mano, tipo desenho animado e essas paradas aí. Mas quando vê não precisa ser só desenhos; dá pra ser desenhos, brincadeiras e o que mais vier na nossa cabeça. Eu resolvi chamar uns amigos meus que curtem muito isso, o niLL e o Yung Buda. De vez em quando eles vão dar uma contribuída aqui, uma contribuída ali, de repente surge outro mano também. Acho que tu vai gostar deles. Nosso tempo tá acabando, é verdade, mas a gente não precisa correr (a menos que tu queira, é claro), isso não é um pega-pega.

Por falar em desenho, queria trazer uma parada que me marcou muito na minha infância: os super-heróis. Lembro que, quando eu era menor, eu ia pra casa dos meus avós cedão. Naquela época, minha mãe tinha dois empregos, então eu só conseguia ver ela nos domingos. Ela trampava num lugar tipo 6 horas da manhã até umas 2 horas da tarde e pegava no outro trampo sei lá que horas da tarde e largava de madrugada. Meu pai trampava na Ipiranga com a Érico Veríssimo e, antes de ir pro trabalho, me deixava lá na casa dos pais dele. Eu chegava tipo seis da manhã e ficava até a hora de entrar na escola. No meio desse tempo, além de fazer ~~alguns~~ temas de casa com a ajuda do meu vô, eu ficava vendo TV. Assistia principalmente dois canais: SBT e Globo. Foi com esses canais, com os programas infantis que eu via nesses dois canais (talvez eu ainda devesse incluir a TVE, mas não vou), que eu me moldei, moldei meu imaginário pra muitas coisas - imaginário é uma palavra importante, maninho.

[Antes de continuar, só queria fazer esse **interlúdio** aqui e deixar avisado que não sei muito bem por onde seguir essa conversa, então eu só vou... tipo no *feeling* memo.

Sei lá... se não fizer sentido, daí tu me avisa]

Se tu me permite, eu queria voltar pro começo. Cada vez mais tamo fazendo esse movimento. Eu queria falar sobre quem me fez falar contigo. Meu primeiro estágio foi com meninos pretos na Zona Sul de Porto Alegre. Isso foi em 2019, numa instituição de psicodrama que atuava num Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e eu não poderia ter escolhido um primeiro estágio melhor - na real eu poderia, porque a supervisão era bem zoadá... era um monte de brancos falando sobre nós cheios de certezas, tá ligado? Mas tudo isso era compensado quando eu via aquele monte de sorrisos pretinhos pra mim. Eu sabia que eram pra mim, mas não sabia o quanto aquilo me fazia bem. Nem me importava de sair da Zona Norte, atravessar a cidade por algumas horas pra chegar na Zona Sul, ficar mais um tantinho de horas e repetir o processo pra chegar em casa. Eu lembro de achar que ia ensinar um monte de coisas pra eles, mas na real foram eles que me ensinaram. Eles me ensinaram a ter um outro tipo de olhar pra terra, por o pé no chão de uma forma diferente do por o pé no chão que nos ensinam quando a gente vai ficando mais velho, bota fé? Eu acho que eu consegui salvar a minha criança interior que tava morrendo; agora ela tá na UTI, mas com os devidos cuidados.

Parando pra pensar, eu ensinei algumas paradas pra eles, mas não ensinei tudo o que eu podia ter ensinado, ainda bem!, da mesma forma que eu não vou te ensinar tudo o que eu sei. Acho que eles também não me ensinaram tudo o que eles sabiam... que pena, foi a primeira vez que eu realmente fiquei interessado em aprender algo. Nós aprendemos juntos, em comunidade.

Eu lembro de algumas coisas que a gente costumava brincar e de alguns problemas que costumávamos ter pra brincar. Geralmente a gente ia muito longe nas brincadeiras, tá ligado?, a gente viajava no sentido mais amplo possível da palavra. Mas pra que a gente pudesse ir longe, pra que a gente pudesse viajar, tínhamos que tá com a imaginação a mil, com a cabeça abertona e nem sempre conseguíamos. Algumas dessas vezes, foi por minha causa - eu te disse que foi depois de conhecer essas crianças que eu consegui salvar a minha criança. Estranhamente, elas (que tinham entre 7 e 13 anos) também tavam perdendo as suas crianças interiores. Acho que é daquelas paradas que a gente conversou há um tempo sobre as respostas bater na tua porta e tu ser obrigado a atender, tá

ligado? Eles queriam brincar de adulto, mas, como diz o BK, a vida adulta é pagar contas. Não tem graça. Nenhuma.

Lembro que tinha algumas brincadeiras mais lúdicas, as que precisavam usar mais a imaginação, e nisso tinham questões que se atravessavam diferentes com os meninos mais novos e com os meninos mais velhos. Nos mais velhos batia aquela parada de já não se sentir tão criança e, assim, não poder brincar tanto pr'além de futebol e lutinha; também rolou algumas vezes um baile funk e shows de talento! Com os menores era um pouco mais complicado: várias e várias e várias vezes a gente entrava nessas brincadeiras mais louconas (e era muito foda!, já até fizemos um ataque alienígena), mas era uma dificuldade pra brincar de reinado. Não só porque eles achavam que era brincadeira de menininha (isso era o menor dos problemas, era bem fácil contornar esse pensamento), mas o teto que batia (e que era uma mão contornar) era "eu não posso ser rei ou rainha ou príncipe ou princesa".

Tu acha que tu pode ser rei ou rainha ou príncipe ou princesa?

Ó que teto isso, maninho! Que cruel que é dizerem pra crianças pretas (obviamente isso não acontecia só com os meninos, na real que as pretinhas sentiam muito - tipo muito mesmo - mais isso do que os pretinhos) que eles não podem ser reis ou rainhas ou príncipes ou princesas. Pior ainda, que eles não podem \*brincar\* de ser reis ou rainhas ou príncipes ou princesas. Mas quem foi que nos disse isso? Acredito que ninguém tenha, de fato, nos dito isso, mas te lembra o que eu te falei há uma cota? Nem toda narrativa é falada, verbalizada; tem muitas coisas que nos são mostradas (implícita ou explicitamente) que nos dizem que lugar devemos ocupar. Quantos desenhos e filmes infantis têm reis e rainhas pretos? Ah tem aquela da Disney, A princesa e o sapo, mas ela não começa o filme já como princesa, começa? Que lugar ela ocupava antes disso, tu te lembra? E quantos outros filmes tu lembra que tem algum rei ou rainha que seja da tua cor? Da nossa cor?

Deixa eu voltar um pouquinho antes nesse assunto.

Foi mais ou menos com a tua idade que eu comecei a entrar na cultura japonesa com Dragon Ball Z, Dragon Ball GT, Naruto (que, ainda hoje, continua sendo meu desenho japonês favorito), Yu-Gi-Oh!, Pokémon, Digimon, Beyblade, Bleach, Yu Yu Hakusho, Samurai X e mais uns tantos outros. Naquela época, não era uma questão eu não me ver nos desenhos, ao menos não nesses que são habituados no Japão. O que se tornou uma questão pra mim, foi ver meus colegas de sala (ih, voltamos pro tema colégio) rindo quando viam, sei lá, aquele personagem hipernarcisista de Bleach (acho que o nome dele é Ayasegawa Yumichika), membro da 11ª divisão que tem o cabelo super liso (e trata isso como motivo de orgulho), toma um tiro de bomba na cara, obviamente a bomba explode e na cena seguinte aparece ele com um cabelo afro, com um cabelo igual ao nosso. Eu consigo pensar em mais algumas (não sei se muitas) cenas parecidas com essa que ridicularizam o nosso cabelo. Por algum motivo que não sei dizer bem qual é e nem sei se eu deveria saber, os animes me convocavam e eu atendia esse chamado com um sorriso no rosto - coisa que não aconteceu com o exército, mas isso é outra história que não vou te contar agora, tu ainda é muito novo pra te preocupar com o exército (se bem que tu também é muito novo pra te preocupar com metade das coisas que tu te preocupa, né?). Eu assisti muitos desenhos ocidentais e, meu mano, o que tá carregado de racismo ali não é brincadeira. Mas a questão é: eu vi algumas representações minhas (não foram tantas assim pelo desenho se passar no Japão e alguns deles retratar a época feudal, saca?). Boas representações nossas. Representações concretas. Quando eu digo representação concreta, eu quero dizer personagens pretos, tá ligado? Poderia citar alguns, mas já quero falar sobre o melhor personagem do melhor anime! O Killer Bee! Meu mano, o Killer Bee é um ninja de Kumogakure, da vila da Nuvem, país do relâmpago. Nesse país, por mais estranho que possa parecer, tá cheio de gente que nem a gente, cheio de pretos. De pretos poderosos, respeitados por todo o mundo ninja, extremamente bonitos (tipo o Omoi), carismáticos e em posição de liderança (como é o caso do A, irmão do Bee). Quem é o irmão do Bee? É simplesmente o líder de Estado, o Raikage, o ninja mais rápido de todos! Foi importante pra mim isso, cara. O Killer Bee não criou um canal de identificação comigo só por ser preto (talvez tenha sido o principal ponto, não vou negar) e rapper (sim!, ele é rapper!). Essa identificação tá na ordem do sensível e não sei se eu conseguiria transmitir pra ti o que eu sinto, pelo menos não agora. Se fosse só por isso, eu teria o mesmo nível de

interesse com o Dragon Ball, já que tem o Oob, ou com Bleach, uma vez que tem a Yoruichi que tá numa posição de importância dentro da história do anime muito mais elevado do que o Oob em Dragon Ball, ou então o Yasuke que é o protagonista do anime que leva o seu nome!

Tu consegue pensar em algum exemplo de personagem que tenha um nível de importância pra ti que nem o Killer Bee tem pra mim?

Acho que o Naruto (não só o personagem, mas enquanto obra) tá cheio de aprendizados que eu tive mais interesse pra prestar atenção do que os que a escola tava me oferecendo.

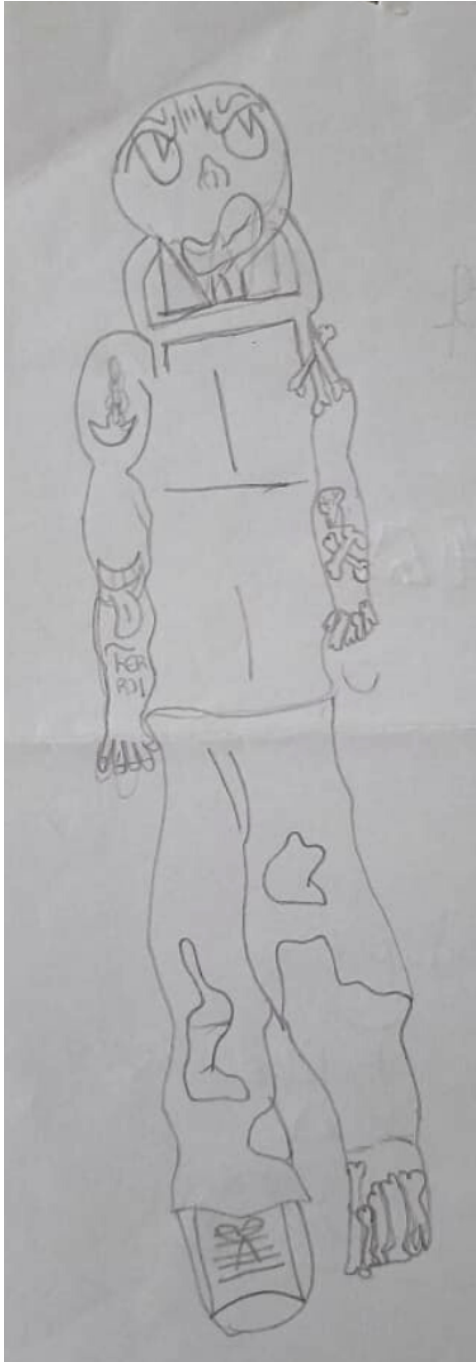
Em Naruto também existem representações não concretas, tá ligado?, aquelas que não estão em personagens pretos. Tem um papo do niLL com o Ronald Rios que ele diz um pouco sobre o interesse dele nesse anime. O niLL diz, quando responde o Ronald sobre a importância desse desenho pro rap nacional, que o Naruto nasceu sendo odiado por todos da sua vila pelo simples fato (que não é tão simples assim) de ter nascido com uma kyuubi, uma raposa de nove caudas, um monstro dentro dele. Dizendo de outra forma: todos temem e odeiam o Naruto desde que ele nasceu, por causa de uma condição que estava além da sua escolha. niLL faz paralelo entre Naruto e nós, pessoas pretas, tá ligado? Nos temem e nos odeiam por sermos pretos. Nos temem e nos odeiam tanto que dizem que ser preto é algo ruim a ponto de ser possível relacionar com um monstro de um desenho japonês.

niLL começou a acompanhar Naruto quando tinha 15 anos. Eu comecei com uns 10 anos mais ou menos. Eu literalmente cresci (em todos os sentidos possíveis da palavra) com o Naruto.

Apesar de gostar... gostar, não... isso ainda é pouco. Apesar de amar, não foi Naruto Uzumaki que me trouxe aqui. Killer Bee não me trouxe aqui. Shikamaru Nara, Sabaku no Gaara, Itachi Uchiha, Jiraya, Kakashi Hatake, Choji Akimichi, Sakura Haruno, Rock Lee, Konan, Nagato e Yahiko não me trouxeram aqui!

Quem me trouxe aqui?





Tenho dois nomes em mente que podem responder essa pergunta: Evan Daniels, *aka* Spyke de X-Men e o Virgil Hawkins, mais conhecido como Super Choque. Esses dois eu consigo usar a mesma lógica que o niLL usou pra Naruto: ambos cresceram com uma condição que eles não escolheram. Tudo bem que eles não nasceram com os poderes deles e tal, mas eles são negros, então o medo e o ódio sentidos pelos demais está duplamente colocado. Se eu não me engano, eles tem tipo uns 15 anos, Spyke talvez tenha um pouco menos, porque ele tava no primeiro ano do Ensino Médio. Também cresci (em todos os sentidos) com eles.

Não que eu não gostasse do Spyke, mas o Super Choque tava em um outro lugar pra mim. Diria que ele tá acima do Killer Bee.

Virgil é um moleque preto e pobre. A mãe dele, que era bombeira (mesma profissão que eu queria seguir quando menor) morreu exercendo seu trabalho quando ele era bem novo, então ele foi criado pelo Robert, seu pai (que trampava de assistente social) e pela sua irmã mais velha, a Sheron. O que me encanta nesse desenho é a conexão que ele tem com a cultura de rua, com o hip hop, tá ligado? Meu mano, na abertura já

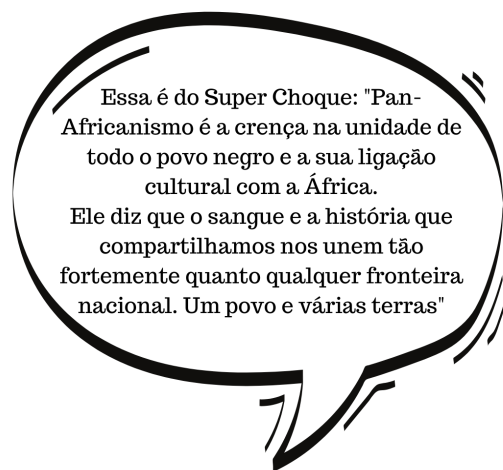
tocava um rap bolado:

## SUPERHERO STATIC SHOCK (WOO WOO)!!

A estética era toda em cima disso, em cima do hip hop! Direto tu via uns pixos rolando solto, uns manos com roupas largas. Meu encanto tá aí, mas tá além disso também. O Super Choque tocava em temas sensíveis, tipo violência policial e

racismo (institucional, cultural, econômico, recreativo e, por óbvio, estrutural), relacionamentos (tanto aquele da Beyoncé e do Jay-Z - de **amores, vícios e obsessões** - quanto de amizades) e a legitimação da nossa cultura. Quando eu me refiro à legitimação da nossa cultura, não me refiro só à cultura hip hop que engloba o b-boy ou a b-girl, o dj, o mc e o pixador-grafiteiro. A isso também, mas não só. É algo que compõe o hip hop e muitos se esquecem disso. Tô falando de África. Pra falar de África, a gente vai ter que voltar um pouco naquele papo que a gente trocou há pouco, lembra?

Tem um episódio em que o Virgil vai pra África com a família, mais especificamente pra Acra, capital de Gana. Cara, que episódio lindo!, se tu não viu, tu tem que ver. Eles fazem um passeio turístico pela cidade e passam por lugares importantes, como o W.E.B DuBois Center, onde o W.E.B. DuBois - um dos maiores líderes dos direitos civis e do pan-africanismo - tá enterrado. Isso (e mais tanto de coisas) eu aprendi com um desenho, lá pelos meus 10 anos mais ou menos. Um desenho que passava no SBT às 11 da manhã me ensinou algo que a escola nem chegou perto de mencionar em alguma aula de história ou de geografia ou de filosofia ou sei lá qual matéria poderia ter abordado isso.



Mas oh meu, não por nada, mas, se eu fosse o Virgil, eu teria arranjado um tempinho pra passar no Egito e ver as **pirâmides**.

Cara, ainda lembro desse episódio como se fosse ontem! A felicidade que o Virgil passava pra gente, passava pra mim!, por estar na África, a emoção dele falando por telefone com o amigo dele (que eu esqueci o nome, foi mal) dizendo que tem gente preta por todo lado, aí esse amigo (branco) rebate dizendo que era meio óbvio, porque ele tava na África, e aí o Virgil traz o ponto! Virgil responde que não era exatamente isso, que ele tava se sentindo diferente, conectado... ele até usa uma metáfora: "é como se eu carregasse um peso a minha vida toda sem saber; e agora ele sumiu". Tu tá entendendo? Na África ele não é um molque negro,

ele é só um moleque - é assim que o Richie (lembrei o nome do amigo do Virgil) se sente o tempo todo, é assim que meus colegas da época de Dohms, da época de Piratini e de agora, da UFRGS, se sentem o tempo todo. Eu acho que é mais ou menos tipo tu passar um tempo viajando e ficando num hostel ou num hotel, sei lá, em algum lugar desconhecido ou não habitual, aí no meio dessa viagem a empresa de avião perde tuas malas e tu tem que pegar umas roupas emprestadas com o teu amigo, o chinelo que tu tinha arreventou de um jeito que não tem como arrumar, aí tu tem que usar aquele chinelo duro que o lugar que tu tá ficando te disponibiliza, mas depois tu volta pra casa, deita novamente na tua cama que não é nem tão dura e nem tão mole (tá no ponto que tu gosta), volta a usar tuas roupas (incluindo aquelas que foram perdidas, porque a empresa de viagem conseguiu resgatar), tem teu outro chinelo que tu usa pra ficar em casa (e, sinceramente, ele é até melhor do que aquele que tu tinha levado na viagem). Não precisava ter viajado tanto nas ideias (bateu saudade daquele estágio que eu te falei), mas acho que é isso: voltar pra casa. Não poder te dar total certeza, vou ficar no achismo mesmo; é muito caro uma passagem pra África pra eu poder te confirmar qual é essa sensação.

Só fazendo um corte aqui, um segundo **interlúdio**, infelizmente cancelaram esse desenho. Na real, acho que cancelaram todos os desenhos que eu lembro de ter visto protagonistas pretos. Cancelaram Super Choque, Liga da Justiça que tinha o lanterna verde - o John Stewart - e o Super Choque chegou a participar algumas vezes, Três Espiãs Demais, não vou falar nada sobre nunca terem feito uma animação do nosso homem aranha, do Miles Morales, porque tem um filme do caralho! (desculpa o palavrão), tinha também The Boondocks, mas esse aí não é pra tua idade ainda não. Carinha, nem sei se tem outras animações. Pra tu ver, se tem eu não lembro. O que tem agora? Eu consigo lembrar de Liga da Justiça Jovem que a gente até que tá bem representado aí: tem o Cyborg (que era dos Jovens Titãs - que também foi cancelado), Danny Brickwell que é um vilão, mas a gente releva, tem a Abelha e o Aqualad que é o meu favorito - não sei se tem mais. Cancelaram também as séries que eu via, tipo Eu, a patroa e as crianças, Todo mundo odeia o Chris, Um maluco no pedaço, The get down e mais algumas que não vou lembrar agora de cabeça. Tudo bem que metade desses desenhos e séries são antigos e é natural que deixem de ser renovados, mas tu entendeu meu ponto, né?

Batman segue aparecendo, Superman segue aparecendo, Thor segue aparecendo, até Aquaman segue aparecendo e eu não conheço ninguém que seja fã dele...

Voltando pro Super Choque, depois que ele volta da África, dá pra ver um amadurecimento do Virgil em relação a vários aspectos da sua vida, tanto aos seus familiares, quanto em relação a si (principalmente em relação a si), mas também aos seus inimigos. Ele tá com a **visão ampla**. Parece que se desloca um pouco esse discurso de bem em mal que eu te falei antes quão complicada é essa dualidade e quão fácil é se prender nela. Não sei se em algum momento houve essa dualidade acentuada no desenho, mas ainda assim dá pra notar um deslocamento. Eu consigo lembrar claramente de alguns poucos vilões, mas só quero falar de dois, então tá tudo bem. Um deles é o Raio de Fogo. Ele ganhou os poderes junto com o Virgil, numa briga de gangues nas docas que chegou a rolar até polícia, mas antes disso ele era só um valentão que tinha prazer em bater e em amedrontar os outros. Depois disso, ele virou um valentão que tinha prazer em bater e em amedrontar os outros com seus poderes. O outro se chama Ebon. Ele é o líder dos meta-humanos (nome dado aos que entraram em contato com o gás que foi espalhado pelo tiroteio que rolou nas docas e tiveram mutações genéticas-físicas) e a sua ambição era poder, no caso dele o poder viria pela força. Ebon se tornou uma espécie de sombra viva. A diferença entre esses dois vilões (não gosto de chamar o Ebon desse jeito, por mais que ele se enquadre nas características de um) é o propósito deles. Os dois propósitos são bons, todos querem poder e todos querem querer - esse é um dos motivos das nossas conversas, não? Antes da ida pra Gana, o discurso do desenho circula muito entre bem e mal (não me entenda mal, isso não significa que o desenho é raso na sua narrativa), mas depois da volta ele entende um pouco melhor (não sei dizer quão melhor, porque nunca foi trabalhado isso abertamente) sobre a relação dele com o Ebon. Ele consegue entender que há uma diferença entre o Raio de Fogo e o Ebon - a raça se tornou um marcador - e a gente, de algum modo, também consegue entender isso. Apesar desse novo olhar, Ebon ainda segue na sombra... mas quem sou pra julgar, né? De alguns modos, eu também **sigó na sombra**, afinal ninguém quer ficar com as sobras.

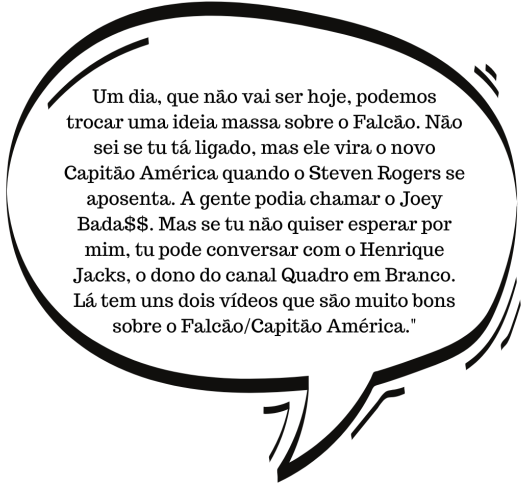
Não sei ao certo o motivo de ter falado tudo isso se a conversa era sobre brincadeiras, mas falei de desenhos, né? Ainda tô no assunto. Acho que me empolguei um pouco.

Mas foi eu ter dito tudo isso, nada foi em vão! Acho que dá resumir essa nossa conversa, mas também Naruto e Super Choque a uma palavra que tem vários sentidos: comunidade. Naruto sempre quis ser aceito pela sua vila, literalmente era essa a ambição dele (nossa conversa com a Cristal tá nos perseguindo): se tornar o ninja mais forte da aldeia e, assim, seria reconhecido por todos. Ser reconhecido é fazer parte. Fazer parte é estar em comunidade. Aquele episódio que eu te falei de Super Choque traz um sentimento no Virgil de pertencimento a um lugar, traz um conhecimento sobre si de um jovem preto em diáspora, que foi levado pra longe de casa e não teve tempo de arrumar a sua mala, de pegar seu chinelo e aí tu tem que pegar umas roupas emprestadas, mas o chinelo que te deram não cabe em ti, tá ligado? O máximo que deu pra trazer foi uma bonequinha dada pela tua mãe feita com as roupas delas, uma Abayomi. **O que sobra disso tudo?** Saudade, banzo.

Acabei deixando o fluxo de pensamento me levar e ele me levou pra um lugar interessante: brinquedos. Quando eu era menor, eu não tinha uma grande quantidade de brinquedos, a maioria deles não eram da melhor qualidade e também não tinha muito com quem brincar - ainda bem que eu tive o Matheus, meu irmão de vida. Mas apesar de não ter muitos brinquedos e a maioria deles não serem da melhor qualidade, eu tinha mais do que alguns dos meus amigos que moravam no mesmo prédio que eu (e bem menos - tipo muito muito muito menos - do que os meus colegas da época de Ensino Fundamental) e alguns desses eram de ótima qualidade. Lembro que um dia, acho que era dia das crianças, minha mãe chegou com uma pista do *Hot Wheels*, aquela do tubarão tá ligado? Pô, aquilo foi uma nota que nem sei de onde ela tirou, mas infelizmente não sobrou pra comprar pilha. Todas as minhas brincadeiras precisavam (ou porque eu gostava ou porque era uma necessidade, não sei te dizer) usar muito a imaginação. Se o carro não subia a pista sozinho é porque ele não era tunado que nem os carros de Velozes e Furiosos, se a boca do tubarão não fechava é porque eu tunei demais o meu carro, se roubaram meu Max Steel na escola, o único que eu tive e que foi presente da minha mãe, é porque ele tava brincando de esconde-esconde comigo e ele era

muito bom nisso. Não querendo incentivar, até porque a mulher que escreveu essa parada é um tanto zuadinha das ideias, mas aquela famosa série de livros (que eu nunca li, só sei porque vi os filmes) sobre um bruxo órfão (tá ligado qual é, né?) era o que eu precisava pra viajar nas brincadeiras sem brinquedos. Mas não quero falar dessas paradas, quero ir um pouco pra outro lado. Mas antes de ir pra esse outro lado, quero seguir rapidamente por um outro caminho.

Te lembra que eu te falei que imaginário era uma palavra importante? Pois é, a importância dela não se dá só na palavra em si, mas não no que ela representa. Tu reparou a quantidade de personagens brancos e quantidade de personagens pretos que eu citei? Que posição eles ocupam na trama? Quais brinquedos eu citei? Na real foram bem poucos exemplos, o que não significa que tenha poucos. De heróis brancos, eu posso dizer, além dos que já foram... puts meu mano, são muitos que nem vou me dar o trabalho (desculpa). Tu já viu aquele último filme dos Vingadores que saiu? É, aquele que eles enfrentam o Thanos e surge herói de tudo que é lugar? Os únicos heróis pretos que eu lembro de ter visto são os que saíram de Wakanda (e isso cria um imaginário importante pra nós, tipo ver os ninjas de Kumogakure) e o Falcão (que também tem sua importância, dentro e fora do universo da Marvel). Sobre a gente se ver nos papéis de vilões, acho meio complicado falar sobre...



Um dia, que não vai ser hoje, podemos trocar uma ideia massa sobre o Falcão. Não sei se tu tá ligado, mas ele vira o novo Capitão América quando o Steven Rogers se aposenta. A gente podia chamar o Joey Bada\$\$\$. Mas se tu não quiser esperar por mim, tu pode conversar com o Henrique Jacks, o dono do canal Quadro em Branco. Lá tem uns dois vídeos que são muito bons sobre o Falcão/Capitão América.'

tipo, tem aquela ideia que a gente trocou sobre o bem e o mal e quão complicado é tomar partido de um desses lados como se não fossemos complexos e duais, mas nós bem representados [em número] nessa categoria - isso é aquele papo que a Patrícia Hill Collins fala de que a sociedade usa de artifícios pra nos colocar em certos espaços com certas funções e certos estereótipos e diz também que um desses artifícios é a mídia... isso é papo de imagens de controle, saca?

Uma coisa que eu amava fazer, era desenhar. Queria ser artista, ser pintor. Não pintor que nem o meu vizinho que trampava numa obra. Talvez como Tarsila do Amaral e Cândido Portinari. Não, melhor ainda, queria ser como Basquiat - tenho até tatuado ele no meu braço. Queria fazer **quadros**, mas me disseram que eu não

ia fazer grana com isso. Quão feridas as pessoas estão pra dizerem pra uma criança de uns 5 anos que ela tem que focar em outra atividade, porque, no futuro, isso não vai sustentar ela? Se eu tivesse recebido mais incentivo, onde eu poderia estar agora? Será que o mesmo aconteceu com Salvador Dalí? Talvez eu conseguisse ter mais criatividade (não tô dizendo que eu não tenho), tipo Yung Buda quando escreveu as suas músicas, principalmente Akatsuki de Vila ou que nem o niLL pra trazer um outro tipo de sonoridade pros seus raps com o *vaporwave* (acho que eu ouvi pela primeira vez isso em Regina) ou que nem o BK que tem todos os seus trabalhos muito bem fechadinhos num conceito (não sei se tu te ligou, mas tô citando ele direto aqui). Sem criatividade, Toph, a dobradora de terra e amiga do avatar Aang, nunca teria conseguido dobrar metal quando foi presa. Infelizmente eu me acostumei com essas narrativas, algumas delas eu abracei, outras não. Queria te trazer isso, mesmo que rápido, breve: te incentivar a brincar, a explorar, a pintar. Tu não precisa virar um pintor quando crescer quando quiser, mas é aquilo que eu te disse há muito tempo, não me cabe dizer que caminho tu deve seguir, o que me cabe é mostrar outros caminhos possíveis, mostrar que há caminhos (no plural) possíveis.

Acho que agora sim tá acabando nosso tempo, preciso tramar, meu mano. Desculpa se faltou coisas... nada nos impede de conversar de novo em outro momento, mais pra frente, tá ligado? Se eu demorar demais, **não me espere**, vai fazendo teus corres que a gente se acha no meio desse furacão chamado vida.

Espero que tu tenha entendido o motivo dessa conversa. Eu quis te mostrar como a gente tá representado em filmes, em desenhos, em sonhos... acho que, de alguma forma, esse nosso papo se conectou com um dos primeiros que a gente teve, saca?, como aquele papo sobre nos impedirem de sonhar. Quem nos impede de sonhar aqui ainda é o Estado racista que nos odeia e tem tesão em nos ver na merda, mas ele tá manifestado de outro modo: ele tá na tua professora da escola, tá na vendedora da loja de materiais escolares, tá na tua família - e todos eles reproduzem essa chacina de sonhos numa tentativa de te salvar de um futuro que tem tanto potencial de ser maravilhoso (como aconteceu com o Dablio) quanto horrível como aconteceu com vários manos que eu não sei te dizer quais, porque nem cheguei a escutar o nome deles. Tudo o que a gente precisa de vez em quando, principalmente quando vamos ficando um pouquinho mais velhos, é de um Guy Sensei nos assistindo lutar contra um Gaara, celebrando com os nossos

acertos, nos consolando nos erros e, no final, nos dizendo: "tudo bem, maninho, tu já provou, tu é um grande ninja". O motivo dessa conversa era tentar te mostrar, como disse na nossa última conversa, nós viemos da grandeza - e isso inclui grandes representantes e representações - e em algum momento transformaram nossas pirâmides em ruínas, construíram em cima delas castelos iguais aquele que abre os filmes da Disney e tu sabe o que temos que fazer, né? Transformar esses **castelos em ruínas**. Alisson Batista disse uma vez pra mim que a gente não pode esperar que os brancos tragam nossas referências até nós, nós é que devemos fazer esse movimento estudando-nos - tudo bem que ele tava se referindo à faculdade, mas acho que cabe aqui também.

Vai brincar, maninho. Tu ainda é pequeno, aproveita. Quando ficar mais velho, não te esquece que problemas são só problemas como um dia de chuva é só **um dia de chuva qualquer** - a gente aproveita pra tomar banho de chuva. No dia seguinte, no **próximo nascer do sol**, a gente volta a ser adultos. Firmão? Fé pra nós!



## É NECESSÁRIO VOLTAR PRO COMEÇO

Hey, pretinho  
Esse é o começo do fim, maninho  
Mas antes de começar  
Deixa eu te perguntar

Como tu tá?  
Tá bem? Tá podendo brincar?  
Como tão as coisas na tua casa?  
Tá precisando conversar?

Eu já tive no teu lugar  
E nem faz tanto tempo  
Tenho nem 25 anos ainda  
Escuta o que eu tenho pra te falar

É mais ou menos assim então ó

Neguinho é o caralho,  
Meu nome agora é Jango, porra  
Não sou Baco, Dona  
Mas sou o Deus da zorra

Sou melhor que João Derly,  
Não toca em mim que tu vai pra lona  
Isso aqui não é zona  
Nóis é Elza, ces nem Madonna

[Calma, calma, calma, calma  
É só uma uma conversa, Jango  
Relaxa, mano  
Tu tem que dar exemplo, pô]

Tá, mais ou menos assim ó

Eles tem medo de ti, menino negro  
Tu tá vendo como eles tremem quando te vêem, preto?  
De ti nem chegam perto  
Eles têm medo de preto

Tu tá vendo como eles apertam o passo quando tu passa?  
Como eles apertam a bolsa quando tu passa?  
O ônibus passa lotado por ti  
Mas a viatura para

A gente não se vê na revista  
Até que a gente seja parado na revista  
Tiram tudo da tua mochila  
E ainda perguntam de quem tu roubou porque acharam um livro da Carolina  
Maria

Só por Jesus...  
Só a gente sabe o peso que é carregar a nossa cruz  
Ai se eu tivesse uma Santa Fé  
Pra viajar pra Vera Cruz

Se eu pudesse comprar tudo o que eu quero comprar  
Seria o fim da depressão  
Compraria o bairro, a cidade, o país  
O mundo todo ainda seria pouco, jão

Se essa rua fosse minha  
Eu mandava alguém pixar  
Com tags, bombs, assim como era antes  
Só pro meu povo poder passar

Nego, é ilusão achar que ascensão vem se tu vira magnata  
Tu é mão de obra barata  
Pode ser facilmente descartado  
Dinheiro resolve muitos problemas, mas não muda nada

Não cai nessas ideias criadas por escravocratas  
Que te fazia trampar enquanto te apontava uma espingarda  
Elas evoluíram, mano  
Fica ligeiro nessas paradas de:

"Tô escrevendo umas rimas tão bonitas que vou por na minha estante  
Um dia eu vou ficar rico, só me dá um instante  
Vou usar só roupa de marca, nunca vai ser o bastante  
Nos meus dedos só vai ter ouro, prata e diamante"

É furada!

Isso já aconteceu antes  
Vai acontecer de novo  
É lógica de Ouroboros

Tudo isso é cíclico, maninho, repito  
Se engana quem acha que o fim acaba no final  
E que o começo começa no início

Cuidado com o que tu pede  
Eu pedi fartura e o universo entendeu fatura  
Gritei que o céu era o limite e descobri que tenho medo de altura

Eu já disse uma vez que  
Eu sei que a falta de tudo afeta a fé  
Da mesma forma que eu sei que a falta de afeto afeta a fé  
Mas nem tudo é só dor

Meninos pretos são carinhos por natureza  
É a branquitude que nos corrompe  
Não sei quem começou esse ciclo de dor, de bruteza  
Mas é nós que interrompe

Hein, Sant  
Ainda somos só garotos  
O que não importou quando botaram tudo no nosso nome  
Foram as circunstâncias que nos fizeram homens

Milton Nascimento me inspira nessa rimas  
Ouvi o "A RUA É NÓIS" do Emicida  
E fiz o novo clube da esquina

Falando em Emicida lembrei daquela assim:

“É necessário voltar ao começo  
Quando os caminhos se confundem, é necessário voltar ao começo  
Não sabe pra onde ir? Tem que voltar pro começo  
Pra não perder o rumo, não pode esquecer do começo”

A gente vem de longe,  
De muito muito muito longe  
A gente não cabe nesse lugar  
Isso é uma coisa que eu preciso de lembrar

Talvez eu devesse tatuar  
Que nem eu tatuei a mãe Áfrika e Nefertiti  
Pra eu nunca esquecer de onde eu vim  
Onde que é o meu lugar

A gente já conversou sobre isso  
Agora tu também sabe onde é o teu lugar  
Sabe que teu lugar é caminho de Ogum e Iansã

Que lá tem samba até de manhã  
E uma ginga em cada andar

Até ontem a gente era arteiro  
Hoje nós somos artistas  
Ontem a gente tava embaixo  
Amanhã tamo em cima

Eu não posso ser o Salvador Daqui  
Muito menos o Salvador Dalí  
Eu quero vender minha arte em vida, Van Gogh  
Se isso é papo de ressignificar  
Quero ser grande como Portinari  
E ter um fim diferente de Basquiat

Uns vivem pra morrer  
Outros vivem por poder  
Sepa eu tô vivendo só por viver  
E tu tá vivendo pelo quê?

Eu quero ser eterno  
Mas eterno eu não posso ser

Eu sou humano

Eu quero ser deus  
Mas deus eu não posso ser

Eu sou humano

Já tá dando minha hora  
Preciso ir

Até mais!

Vai brincar!  
Tu ainda é criança  
Tem coisas que tu te preocupa que tu não deveria te preocupar

É isso  
Um beijo e um abraço  
Um cheiro e um amasso

Eu tô ficando rouco, já falei demais  
Queria te escutar  
Fala tu, meu mano

## REFERÊNCIAS

Salve, maninho! Deixa eu te falar. Primeiramente, feliz que tu pilhou trocar essa ideia e feliz que a gente chegou até aqui. Tô ligado que faltou uma pá de coisas, mas fica pra uma próxima. Mas ó, eu tive muito ajuda pra construir meus pensamentos e poder conversar contigo. Eu fiz uma playlist que me serviu de livro pra que eu pudesse consultar quando eu precisava de alguma ajuda, e ela me fez muita companhia nessas conversas. É só jogar lá nas playlists do Spotify “O MENINO QUE QUERIA SER DEUS” ou clica aqui <https://spoti.fi/3KYpbyp>.

Além dessa playlist, eu consultei mais uma galera que tá aqui embaixo (inclusive, algumas das pessoas que tão na playlist, também tão aqui).

Fé pra nós, te encontro numa próxima.

ACERCA | DJONGA #1 [S. l. s. n.], 2017. 1 vídeo (26 min). Publicado pelo canal RAP TV. Disponível em: <https://bit.ly/3L0RKei>. Acesso em: 12 abr. 2022.

A IMPORTÂNCIA DOS NOMES. 1 vídeo (17 min). Publicado pelo canal Aza Njeri. Disponível em: <https://bit.ly/3uWHnmf>. Acesso em: 09 jan. 2022.

AmarElo. [Compositor e intérprete]: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. 1 CD (48 min).

Arlindo Cruz. **O que é o amor?**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2009. Disponível em: <https://spoti.fi/3JTGaQV>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Baco Exu do Blues, Diomedes Chinaski. **Sulicídio**. [S. l.], 2016.

BATISTA, Alisson Ferreira. **Trajetos e percursos: das (im)possibilidades de enfrentamento do racismo dentro da academia**. Orientadora: Dra. Raquel da Silva Silveira. 2016. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157424>. Acesso em: 01 jan. 2020.

BASQUIAT, Jean-Michel. **Anthony Clark**. Disponível em: <https://bit.ly/3Onrz3L>. Acesso em: 19 abr. 2022.

BASQUIAT, Jean-Michel. **Exu**. 1988. Acrílico e óleo sobre tela. 199.3 x 254 cm.

BASQUIAT, Jean-Michel. **Gold griot**. 1984. Acrílico e óleo sobre madeira. 297.18 x 185.42 cm.

Basquiat. [Imagem retirada da internet]. Disponível em: <https://bit.ly/3xVjxth>. Acesso em: 16 abr. 2022.

BK. **Quadros**. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3jzUkfk>. Acesso em: 14 dez. 2021.

Bluesman. [compositor e intérprete]: Baco Exu do Blues. [S. l.], 2018. 1 CD (30 min).

Capitão América é PROPAGANDA POLÍTICA? [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal Quadro em Branco. Disponível em: <https://bit.ly/3rrthr4>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Castelos e Ruínas. [compositor e intérprete]: BK. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2016. Disponível em: <https://spoti.fi/3MhfICt>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Cristal. **Ambição**. Porto Alegre: White Monkey Recordings, 2012. Disponível em: <https://spoti.fi/37eydbZ>. Acesso em: 30 dez. 2021.

Diomedes Chinaski. **Carta para Tyler, The Creator**. Recife: [S. l.], 2018. Disponível em: <https://spoti.fi/3jWssCe>. Acesso em: 02 abr. 2022.



Documentário Falcão - Meninos do Tráfico, 2016. 1 vídeo (57 min). Publicado pelo canal MV Bill. Disponível em: <https://bit.ly/3EsvxU9>. Acesso em: 17 mar. 2022.

Djonga. **HAT TRICK**. Belo Horizonte: Ceia, 2019. Disponível em: <https://spoti.fi/3MIDEol>. Acesso em: 07 jun. 2021.

DJONGA: O HISTORIADOR DA QUEBRADA | ENTREVISTA UOL TAB, 2020. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://bit.ly/3KY6f2x>. Acesso em: 13 abr. 2022.

Djonga. **O MENINO QUE QUERIA SER DEUS**. Belo Horizonte: Ceia, 2018. Disponível em: <https://spoti.fi/3JWOlw2>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Don L. **Pela boca**. [S. l.]: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://spoti.fi/3rELSjj>. Acesso em: 25 dez. 2021.

DVD Racionais Mc's - 1000 Trutas 1000 Tretas - COMPLETO + EXTRA. (HD 720p), 2013. 1 vídeo (2 horas e 5 min). Publicado pelo canal Diogo Felix. Disponível em: <https://bit.ly/37aInKJ>. Acesso em: 18 ago. 2019.

DVD - Mil Trutas Mil Tretas - A vida é desafio, 2015. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal RacionaisTV. Disponível em: <https://bit.ly/37liho5>. Acesso em: 18 fev. 2021.

DVD - Mil Trutas Mil Tretas - Jesus Chorou, 2015. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal RacionaisTV. Disponível em: <https://bit.ly/3EjlTC3>. Acesso em: 18 fev. 2021.

DVERSOS: DV x PIRAMIDE PERDIDA, 2017. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal DV TRIBO. Disponível em: <https://bit.ly/3rF2YO5>. Acesso em: 06 abr. 2022.

Pra quem já mordeu um cachorro por comida até que eu cheguei longe. [Compositor e intérprete]: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2009. 1 CD (1 hora e 18 min).

Esú. [compositor e intérprete]: Baco Exu do Blues. [S. /], 2017. 1 CD (32 min).

FBC. **Frank & Tikão**. Belo Horizonte: Ceia, 2018. Disponível em: <https://spoti.fi/3jRZvHx>. Acesso em: 08 mar. 2022.

FBC. **Money manin**. Belo Horizonte: Ceia, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3EhACOR>. Acesso em: 08 mar. 2022.

FEBEM. **Quem não pode errar sou eu**. Belo Horizonte: Ceia, 2019. Disponível em: <https://spoti.fi/3MiBS7u> Acesso em: 10 jul. 2019.

GELEDÉS. Um jovem negro é morto a cada 23 minutos no Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3jA5EZ1>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Heresia. [Compositor e intérprete]: Djonga. Belo Horizonte: Ceia, 2017. 1 CD (33 min).

Histórias da minha área. [compositor e intérprete]: Djonga Belo Horizonte: Ceia, 2020. Disponível em: <https://spoti.fi/3uVqubA>. Acesso em: 09 jun. 2021.

HISTÓRIA PRETA: Nossa Beleza | 1. Vênus. Tiago André [S. /]: B9, nov. 2020. Podcast. Disponível em: <https://spoti.fi/386TNPp>. Acesso em: 8 abr. 2021.

Joey Bada\$\$ | E o Capitão que a América precisa, 2018. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Quadro em Branco. Disponível em: <https://bit.ly/3JziOQw>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Kamau. **Amar é**. São Paulo: Plano Áudio, 2008. Disponível em: <https://spoti.fi/3xFY0Vg>. Acesso em: 24 mar. 2020.

KISHIMOTO, Masashi. **Naruto**. Japão: Panini Comics, 2000.

KRS-One: Real Men Don't Exist In Mainstream Hip-Hop, 2015. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal djvlad. Disponível em: <https://bit.ly/36rczAD>. Acesso em: 12 abr. 2021.

Major RD. **60K**. Rio de Janeiro: Rock Danger, 2021. Disponível em: <https://spoti.fi/3uXk5wF>. Acesso em: 26 dez. 2021

Máscara africana. [Imagem retirada da internet]. Disponível em: <https://bit.ly/3L2BqtQ/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

Marcelo D2. **TAMBOR, O SENHOR DA ALEGRIA**. Rio de Janeiro [S. l.], 2020. Disponível em: <https://spoti.fi/37p5UaU>. Acesso em: 11 jul. 2021.

MARQUES, Hércules da Silva. **Jovem Preto Rei: Nascido para vencer**. São Paulo: SB Edições, 2019.

Mundo Negro. Super Choque na África e os negros em situação de diáspora. Disponível em: <https://bit.ly/3O9k1kY>. Acesso em: 06 abr. 2022.

"Não é uma carreira. É uma causa": entrevista com Emicida, 2020. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo canal Nexo Jornal. Disponível em: <https://bit.ly/37Pythx>. Acesso em: 01 jan. 2021.

Não tem bacanal na quarentena. [compositor e intérprete]: Baco Exu do Blues. [S. l.], 2020. 1 CD (32 min).

NEGO E, RT Mallone, Sadiki, Helibrown, DJ Faul. **Labirinto**. São Paulo: Artefato Produções, 2016. Disponível em: <https://spoti.fi/3vmBvBS> Acesso em: 09 jun. 2017.

NOGUEIRA, Renato. **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Cor e inconsciente**. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia; ABUD, Cristiane Curi (org.). *O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NU. [Compositor e intérprete]: Djonga. Belo Horizonte: Ceia, 2021. 1 CD (30 min).

O Glorioso retorno de quem nunca esteve aqui. [Compositor e intérprete]: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013. 1 CD (51 min).

Patricia Hill Collins explica PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO | #1 Imagens de controle [legendado], 2019. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal TV Boitempo. Disponível em: <https://bit.ly/3jCueZ6>. Acesso em: 12 abr. 2022.

PICASSO, Pablo. **Woman with Raised Arms**. 1939. Óleo, carvão e areia sobre tela. 50 x 61 cm.

Pineapple Storm. **Poetas no topo 2**. Brasil: Pineapple StormTV, 2017. Disponível em: <https://spoti.fi/37wASh1>. Acesso em: 08 ago. 2021.

Pineapple Storm. **Poetas no topo 3.3 Pt. 1**. Brasil: Pineapple StormTV, 2019. Disponível em: <https://spoti.fi/3rCswLA>. Acesso em: 03 set. 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PUBLIC ENEMY. **Fight the power**. Nova Iorque: Def Jam Recordings, 1988. Disponível em: <https://spoti.fi/3jEXI8P>. Acesso em: 31 jan. 2022.

QUEEN LATIFAH. **U.N.I.T.Y.** XX: UMG Records, Inc., 1991. Disponível em: <https://spoti.fi/3jEBN1v>. Acesso em: 31 jan. 2022.

QVVJFA?. [compositor e intérprete]: Baco Exu do Blues. [S. l.], 2022. 1 CD (39 min).

Racionais - Mágico de Oz (Clipe Oficial - HD) [S. l. s. n.], 2014. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal RacionaisTV. Disponível em: <https://bit.ly/36u5Dml>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Racionais - Vida Loka II (Clipe Oficial - HD) [S. l. s. n.], 2014. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal RacionaisTV. Disponível em: <https://bit.ly/37toTkk>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Serena Assumpção. **Exu**. São Paulo: Selo Sesc [dist. Tratore], 2016. Disponível em: <https://spoti.fi/3L5QHdq>. Acesso em: 07 fev. 2022.

Silva, João Pedro Goulart da e Medeiros, Roberto Henrique Amorim de. **A mixagem como leitura/escuta de narrativas do território**. Psicologia USP [online]. 2022, v. 33 [Acessado 21 Abril 2022], e200136. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200136>. Epub 14 Jan 2022. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200136>.

SUPER Choque. Dwayne McDuffie; Denys Cowan; Michael Davis; Derek Dingle. Produção: Warner Bros.; DC Comics, 2000.

Thiago Elniño. **Atlântico (Calunga Grande)**. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://spoti.fi/3uYti7K>. Acesso em: 11 fev. 2022.

Thiago Elniño, Sant. **Hoje não!**. São Paulo: independente, 2021. Disponível em: <https://spoti.fi/3Oo1lyc>. Acesso em: 11 fev. 2022.

Thiago Elniño, Sant. **Pedagoginga**. São Paulo: 2017. Disponível em: <https://spoti.fi/3uVrkVM>. Acesso em 11. fev. 2022.

UOL. Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos. Disponível em: <https://bit.ly/3Ee1Aar>. Acesso em: 16 dez. 2021.

X-Men: Evolution. Marty Isenberg; Robert N. Skir; David Wise. Produção: Warner Bros.; Marvel Studios, 2000.

Yung Buda. **Akatsuki de Vila**. São Paulo: Sound Food Gang, 2017. Disponível em: <https://spoti.fi/3vrMUAw>. Acesso em: 18 mar. 2021.

Yung Buda, MC Igu, niLL. **Akatsuki de Vila, Pt. II**. São Paulo: Sound Food Gang, 2018. Disponível em: <https://spoti.fi/3L3IBD2>. Acesso em: 18 mar. 2021.

Zudzilla. **Intro 11**. São Paulo: YB Music, 2019. Disponível em: <https://spoti.fi/36tSslv>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Zudzilla. **O que eu sei e o que eu vi**. São Paulo: Hardcore Pride Records, 2016. Disponível em: <https://spoti.fi/3uXtvZ0>. Acesso em: 14 mar. 2021.